Jukita Queiroz

Nascidos no sertão mineiro, meninos do interior

histórias
& canções

EDITORA
Unimontes

Nascidos no sertão mineiro, meninos do interior

histórias
& canções

Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

Wagner de Paulo Santiago
Reitor

Dalton Caldeira Rocha
Vice-Reitor

Ivana Ferrante Rebello
Pró-Reitora de Ensino

Marlon Cristian Toledo Pereira
Pró-Reitor de Pós-Graduação

Maria das Dores Magalhães Veloso
Pró-Reitora de Pesquisa

Pablo Peron de Paula
Pró-Reitor de Planejamento, Gestão e Finanças

Rogério Othon Teixeira Alves
Pró-Reitor de Extensão

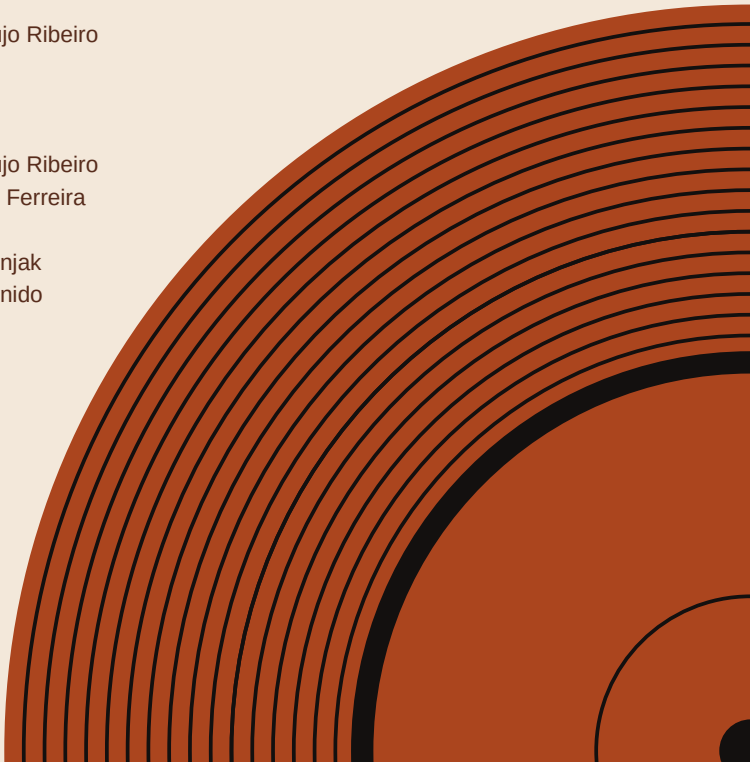
©Editora Unimontes

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Editora Geral

Conselho Editorial
Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
Ivana Ferrante Rebello
Leandro Luciano Silva Ravnjak
Luiz Henrique Carvalho Penido
Patrícia Takaki Neves
Tânia Marta Maia Fialho
Vanessa de Andrade Royo

Apoio:

FAPEMIG



Jukita Queiroz

Nascidos no sertão mineiro, meninos do interior

histórias
& canções



EDITORA
Unimontes

Laura Silveira Fahel
Projeto gráfico, capa e diagramação

Agência LCR
Diagramação

Ana Márcia Ruas de Aquino
Revisão linguística

Maria Clara Maciel de A. Ribeiro
Ana Márcia Ruas de Aquino
Maria Gabriela de Souza
Luana Pereira Santos
Equipe editorial

Este livro foi selecionado por edital e submetido a parecer duplo-cego.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Q3n Queiroz, Jukita.
Nascidos no sertão mineiro, meninos do interior [livro eletrônico] : histórias e canções / Jukita Queiroz. -- Montes Claros, MG : Editora Unimontes, 2026.
113 p. il. ; E-book (PDF).

Bibliografia.
Modo de acesso: world wide web
http://www.editora.unimontes.br/index.php/ebook

ISBN: 978-85-7739-841-6. E-book (PDF)

1. História cultural – Montes Claros (MG). 2. Música regional norte-mineira. 3. Grupos musicais. 4. Festivais da canção. I. Queiroz, Jukita. II. Título. III. Título: Histórias e canções.
CDD 781.630981

Elaborado por Roseli Damaso – Bibliotecária - CRB-6/1892

O conteúdo desta obra, quando não houver indicação específica em contrário, é disponibilizado sob a Licença Creative Commons 4.0 Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações. Os direitos desta edição pertencem à Editora Unimontes.

©Editora Unimontes
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro
Montes Claros - Minas Gerais - Brasil, CEP 39401-089 - Caixa Postal 126.
www.editora.unimontes.br | editora@unimontes.br

Filiada à ABEU Associação Brasileira das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

Prelúdio 8

1 Cidade da arte e da cultura 16

Montes Claros – o palco desta história 17

Festivais da canção popular – lugar de expressão cultural 20

O movimento de festivais de música em Montes Claros 23

Música e efervescência cultural em Montes Claros 29

2 A música conectando e eternizando memórias 34

Grupo Raízes – abrindo a porteira para cantar o sertão mineiro 35

Grupo Tryuna – das trilhas sonoras do teatro à cena musical 54

Terno de São Benedito – na esteira de Tino Gomes 59

Grupo Céu e Terra – inaugurando o palco do Centro Cultural 64

Grupo Agreste – "a gente respirava música [...] queria produzir" 72

Grupo Aroeira – momentos de prazer sonoro com Zé Côco do Riachão 81

Reconstituição histórica dos grupos 87

3 O legado do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez 90

A contribuição do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez no cenário musical 91

Coda 102

Referências 106

PRELÚDIO

Nascidos no sertão mineiro, meninos do interior – histórias e canções (1970-1980)[1] é um livro que é fruto de dissertação[2] de mestrado produzida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimontes, no período da pandemia de covid-19 (2020-2022). Com orientação da professora Geisa Magela Veloso, depois de muito diálogo e mudanças no projeto, conduziu-se a pesquisa para um local agradável e estimulante, o que proporcionou uma sensação prazerosa, embora sem perder de vista o trabalho acadêmico-científico diligente, na condução da investigação.

Este lugar chama-se Montes Claros, cidade do Norte de Minas Gerais que traz, em sua bagagem, acontecimentos que, no decorrer dos tempos, foi moldando sua identidade e delimitando épocas. Entre esses fatos, destacamos as Festas de Agosto, manifestação centenária de fé e cultura

[1] Nesse título, é feita uma alusão à música do *Grupo Raízes*, intitulada *Menino do Interior*, que tem, na sua letra, a frase: "Nascido no sertão mineiro, menino do interior...". No presente livro, como se trata de vários grupos, optou-se por colocar a frase no plural.

[2] Link para acesso ao texto completo da dissertação: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.xhtml?popup=true&id_trabalho=11440386.

popular, protagonizada pelos ternos de catopês, marujos e caboclinhos que saem em cortejo pelas ruas da cidade, cultuando o Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Durante todo o festejo, os participantes tocam, dançam e entoam cantigas tradicionais que vão se perpetuando no imaginário do povo do sertão mineiro.

Apontam-se, também, as modinhas entoadas por grupos de serestas, dando-se evidência ao Grupo de Seresta João Chaves que, na década de 1960, desenhou um cenário romântico nas noites enluaradas e sombrias de Montes Claros, grupo que perdura até a atualidade. Essas serestas e serenatas, vale ressaltar, entoam cantos melodiosos e românticos nas praças e janelas das amadas, em nossa cidade. Acrescenta-se, ainda, a Folia de Reis, manifestação popular que, desde a primeira metade do século XX, ocorre no Município. Nesse festejo de cunho religioso, músicos, cantores e dançantes visitam casas, anunciando a chegada da Bandeira do Divino, para celebrar o nascimento do Menino Jesus e comemorar o dia de Santos Reis.

Essas tradições, além das canções: *Peixinhos do mar*, *Cálice Bento*, *Amo-te muito*, *O Bardo*, entre tantas outras, são marcadas pela presença de grandes nomes que passaram a compor a história da cidade, como Mestre Zanza, Hermes de Paula, Mestre João Farias, Nivaldo e Clarice Maciel, Mestre Miguel, Raimundo Chaves, Ducho e muitos outros.

Posto isso, embarcamos para as décadas de 1970 e de 1980, quando Montes Claros viveu um período de efervescência cultural, com muitas produções locais no campo das artes. Havia uma explosão cultural pelos cantos da cidade, os festivais da canção, os carnavais de rua, o surgimento do Centro Cultural, local onde os artistas apresentavam suas criações, produzidas em larga escala. Havia, ainda, os projetos culturais *Tom da Terça* e *Domingo Erudito* (em que este autor[3], Jukita Queiroz, pôde atuar, pela primeira vez, profissionalmente) e a feirinha de artes, que era povoada por apreciadores do artesanato e da música. Diante desse panorama, o jornalista Reginauro Silva, também dramaturgo e advogado na cidade, intitulou o Município como

[3] Em certos momentos, nesta obra, é feita referência a “este autor”, “o autor” (ou expressão similar, além do pronome “ele” ou sua elipse contextualizada), que remete sempre a Jukita Queiroz.

"Cidade da Arte e da Cultura", motivado pelos bons tempos que a cidade vivia.

Esse contexto contribuiu para a formação de grupos musicais que incrementaram a cena cultural; seus integrantes tocavam em shows, festivais, exposições agropecuárias em Montes Claros e em outras cidades da região norte-mineira. Diante da importância desses grupos musicais para o cenário cultural, daremos destaque, neste livro, às trajetórias dos seguintes grupos: *Raízes*, *Tryuna*, *Céu e Terra*, *Agreste*, *Terno de São Benedito* e o *Aroeira*.

Vale ressaltar que as canções produzidas por esses grupos ultrapassam o valor estético, consolidando-se como uma riqueza patrimonial imaterial, enraizada na memória afetiva dos montes-clarenses, dos sertanejos de outras regiões do Norte de Minas, somando-se a isso o papel importante desses coletivos musicais como preservadores da identidade regional. A relevância desse acervo de canções é notável por sua longevidade, tendo em vista que são, continuamente, cantadas, regravadas e divulgadas em mídias na atualidade. *De trem pra Montes Claros; A lenda do arco-íris; Desentoado; Zumbi; Montesclareou; Gaiola; Rasante; Bandeira boiadeira; Pra Jorge, um brasileiro* são parte desse repertório musical. Por trás das canções, estão músicos como Charlie Boavista, Tino Gomes, Pedro Boi, Ildeu Braúna, Tom Andrade, Josecé Santos, Valmyr de Oliveira e muitos outros que estão presentes na história da música de Montes Claros.

O período de atividade dos grupos em estudo coincide com os tempos de Ditadura Militar, os famosos "anos de chumbo". Acredita-se que os músicos, em sua totalidade, não apoiassem a repressão militar. Parte dos grupos manifestava descontentamento não apenas com o conteúdo das canções, mas também com a estética, usando, como sinal de protesto, cabelos longos, pés descalços e figurinos que desafiavam os padrões de comportamento impostos à época.

Assim, sabendo da importância desse recorte histórico-temporal e da ausência de literatura que retrate essa época, este livro, *Nascidos no sertão mineiro, meninos do interior – histórias e canções (1970-1980)*, tem como objetivo contar, valorizar e preservar parte da história da música regional do Norte de Minas, tendo como protagonistas os grupos supracitados.

A motivação e prazer por esse tema associam-se ao fato de o autor deste livro ser músico/compositor e ter a música regional norte-mineira como parte de sua formação musical. Essa inclinação pessoal é reforçada pela ausência de registros que tratem desse assunto e também pela importância de se estar preservando um fragmento da história cultural e musical de Montes Claros.

A isso, acrescenta-se o fato de o autor ser apreciador e expectador de todo esse movimento musical, além de sua conexão com alguns músicos envolvidos, a começar pelos componentes do *Grupo Raízes.* Neste grupo, por intermédio do seu irmão Zé Ruy – que chegou a fazer algumas participações em shows com o grupo, tocando bongô –, conheceu Charlie Boavista e Elcio Lucas. Ainda no *Raízes*, tinha Cori Gonzaga, com o qual tem parentesco e de quem era vizinho. Com ele, pôde aprender, diretamente da fonte, as canções do grupo.

No *Grupo Céu e Terra*, o autor criou um laço estreito com Eduardo Maciel, por meio da música. Além do vínculo criado por trabalharem juntos numa instituição financeira, chegaram a participar de festivais da canção em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. Em outro grupo, o *Aroeira*, no início de sua trajetória musical, o autor fez parte, juntamente com Denizar Mota, de uma banda (sem nome) cover de Lô Borges, Beto Guedes, *14 Bis*, entre outros. Para finalizar esse elo, é importante, também, citar o Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez (Celf)[4], local onde muitos músicos se encontravam e onde pôde conhecer Tião Andrade, Valmyr de Oliveira e Tico Lopes (*Grupo Tryuna* e *Terno de São Bendedito*) e Tino Gomes (*Grupo Raízes* e *Terno de São Benedito*).

Dessa rede que foi se formando naturalmente, a música regional norte-mineira passou a fazer parte e a ser inspiração musical na vida deste autor. Em seus primeiros anos dedicados ao violão, apreciava e tocava algumas canções produzidas por músicos de Montes Claros que retratavam o sertão mineiro.

[4] O Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez, muitas vezes citado neste livro, é denominado, também, ao longo da obra, apenas como: Conservatório ou Celf.

Ficará perceptível, nesta obra, que a seção destinada ao *Grupo Raízes* apresenta maior extensão, no entanto tal diferença não configura qualquer distinção de mérito, mas decorre da longevidade desse grupo, que teve uma trajetória que perdurou por uma década, resultando num volume maior de registros e acontecimentos a serem apresentados.

Garimpar a história a partir de testemunhos de pessoas que foram protagonistas da cena musical, numa certa época, em Montes Claros, é compreender que a identidade da cidade não habita apenas na Igreja da Matriz e nos casarões ao seu redor, nas praças, estátuas, enfim, em seus monumentos, pois as memórias das pessoas trazem histórias, canções e sentimentos que o concreto não alcança. Os testemunhos são válidos, mesmo quando, no relato, há dissenso por parte dos entrevistados, cabendo ao leitor decifrá-lo e chegar à sua versão final.

Ao se ouvir o outro, transforma-se o passado cronológico, estático, em uma história viva, garantindo que o saber de uma comunidade não se esvazie, mas continue a moldar o sentido de pertencimento das futuras gerações. Nesse caso, permanecem as canções de outrora, que determinados grupos legaram e que expressam um fragmento fundamental para a história musical do povo do sertão mineiro.

Para compor essa trajetória musical, este livro está estruturado em capítulos. O primeiro capítulo, em sua primeira seção, discorre sobre a cidade de Montes Claros, o "coração do sertão mineiro", e acerca de acontecimentos que favoreceram o seu desenvolvimento artístico-cultural, em especial a criação de grupos musicais, que são a razão desta obra. A segunda seção trata de um breve histórico dos festivais da canção no Brasil, por se entender que os grupos, quase em sua totalidade, foram criados a partir da motivação desses eventos. Na terceira seção, destacam-se os festivais da canção na cidade de Montes Claros. Para finalizar o capítulo 1, expõe-se a efervescência cultural montes-clarense em meados da década de 1970.

O segundo capítulo dedica-se à reconstituição histórica dos grupos selecionados para estudo, nesta ordem: *Raízes*, *Tryuna*, *Terno de São Benedito*, *Céu e Terra*, *Agreste* e *Aroeira*. Em seis seções específicas, é apresentada a trajetória de cada grupo, contemplando desde a sua gênese até o

término das atividades. Para encerrar este capítulo, foi elaborada uma síntese do contexto histórico dos grupos pesquisados, sendo acrescentado um quadro com informações sobre o ano de fundação/término, influências, origens, locais de atuação e álbuns gravados por esses grupos.

O terceiro capítulo discorre acerca da importância do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez para o movimento dos grupos nas décadas de 1970-1980, encerrando-se este capítulo com a apresentação de uma linha do tempo que traz fatos marcantes que compõem esta obra, destacados cronologicamente.

Vale ressaltar, ainda, que a obra se valeu, para além das teorias propriamente ditas com as quais o texto dialoga, de nomes importantes do cenário da música que nos brindam com entrevistas em que relatam sua participação nesse movimento musical e cultural em discussão.

Por fim, estão convidados a prestigiar a obra: o leitor que vivenciou e sentiu o calor dessa efervescência, a nova geração que conhece as canções – sem conhecer a sua história –, além de todos que apreciam a história, a música e a cultura de Montes Claros, para que, assim, todos juntos, subam a bordo desse trem de histórias e canções.

01 | CIDADE DA ARTE E DA CULTURA

Montes Claros – o palco desta história

Sobre Montes Claros-MG, palco e cenário desta história, trago a contribuição das pesquisadoras Anete Pereira (2007), Geisa Magela Veloso (2008), além de João Batista Almeida Costa (2021) – Joba.

A cidade de Montes Claros se constituiu em um lugar estratégico, onde pessoas de diferentes localidades firmaram moradia, tornando-se uma importante cidade para a região norte-mineira, a qual o autor considera ser o "coração do sertão mineiro" – nome de uma canção que compôs, expressando o seu laço e apreço pela cidade onde nasceu, cresceu, gerou frutos, está vivendo e aprendendo: "Eu sou fruta do Norte".

Para Pereira (2007), a ocupação e origem das cidades do Norte de Minas se deram a partir da expansão da pecuária, agricultura e mineração, que proporcionaram o desenvolvimento econômico da região, no século XVII. Alguns teóricos defendem a posição de uma similaridade norte-mineira com a cultura nordestina, fato que se pode verificar ao se buscar conhecer as influências dos grupos pesquisados neste livro.

Montes Claros é a principal cidade do Norte de Minas, tendo sua origem registrada, em 1768, como “Arraial das Formigas”, sendo elevada, em 1831, à condição de “Vila de Montes Claros de Formigas”, e emancipada em 1857 (Pereira, 2007). O Município fora, outrora, uma fazenda conhecida como lugar de “passagem” – devido à sua localização estratégica – e expandiu-se com a instalação da ferrovia (1926), tornando-se o principal centro comercial do Norte de Minas. Na atualidade, conforme Veloso (2008), Montes Claros é reconhecida como o segundo maior entroncamento rodoviário do País, interligando importantes rodovias como a BR-365, BR-135 e BR-251, o que favorece o escoamento de mercadorias. Por estar localizada no sertão mineiro, o Município é considerado como um lugar de encontros de culturas, de civilizações, de gentes, de trânsito e fluidez (Costa, 2021).

No âmbito cultural, destaca-se a inauguração do Centro Cultural Hermes de Paula (CCHP), em 1979, mais um espaço de movimentação artística, composto pelo Teatro Municipal Cândido Canela, pela Galeria de Artes Godofredo Guedes e pela Biblioteca Municipal Antônio Teixeira de Carvalho. O CCHP foi um importante espaço onde músicos e grupos se conectavam com o público que superlotava o teatro, apreciando canções que efervesciam as memórias e as noites dos montes-clarenses. Nesse lugar, as artes se encontravam e os artistas apresentavam suas produções, num auditório que, na época, tinha uma lotação por volta de 250 lugares. Em 2026, ano da produção textual deste livro, o CCHP, um dos raros espaços públicos que atende à demanda de apresentações artísticas, teve sua capacidade limitada a 150 lugares, sendo permitida a lotação máxima de 100 pessoas por evento, por questões de segurança. Devido às condições precárias do sistema de sonorização e iluminação, o proponente do evento artístico é quem arca com a locação dessas estruturas. Para além disso, há ainda despesas de materiais de higiene que recaem sobre quem loca esse espaço.

É relevante evidenciar, também, a primeira emissora de televisão, instalada em 1980, TV Montes Claros, hoje Inter TV Grande Minas, afiliada da Rede Globo, mídia que muito contribuiu para a divulgação da produção musical na época.

Outro espaço importante é o Celf, que atua no ensino formal de música e de outras artes desde 1961. Essa escola, além de formar músicos, influenciou na identidade cultural da cidade de Montes Claros, participando efetivamente do desenvolvimento artístico da região Norte de Minas. O Conservatório, naturalmente, tornou-se um ponto de encontro de estudantes e profissionais da música para a troca de ideias sobre as novidades no cenário musical e a articulação de shows e ensaios.

A partir de meados da década de 1970 até início dos anos de 1980, o contexto cultural montes-clarense foi incrementado por grupos musicais que movimentaram a cena artística, com shows em diversos espaços da cidade e em localidades da região norte-mineira. Destacam-se, dessa efervescência musical, os grupos *Raízes*, *Tryuna*, *Terno de São Benedito*, *Céu e Terra*, *Agreste* e *Aroeira* que, na época, criaram canções que são lembradas e cantadas até o presente momento.

Tomando como referência teorizações chartierianas, José D'Assunção Barros (2013) considera que, na produção de um bem cultural, merecem destaque as práticas e as representações, intrínsecas nesse contexto, em que uma série de ideias são reafirmadas ou propagadas, como o modo de ver, pensar e sentir do produtor sobre algo.

Assim, acerca deste estudo realizado em Montes Claros, considera-se que as canções produzidas e difundidas pelos grupos musicais pesquisados trazem representações diversas, que é o modo como os músicos imaginam o sertão mineiro, apresentando sujeitos que se destacaram pelo enfrentamento da exploração, dando visibilidade a manifestações culturais, lugares, além de outros hábitos e costumes vivenciados pelo sertanejo norte-mineiro. Seguem alguns fragmentos de canções expressando um pouco desse imenso sertão:

> "A boiada na estrada vai na marcha viageira É que nem a procissão Tem credo e tem bandeira O aboio é a reza E o incenso é a poeira" (Bandeira boiadeira – Grupo Agreste – Gútia/Braúna).

> "Vejo que a gente festeira se ajuntou na praça numa cantoria brasileira Todos reunidos rezam no cruzeiro vem pedir a bênção ao padroeiro" (Gente festeira – Terno de São Benedito – Tino Gomes/Georgino Júnior).

> "São Francisco e Januária, capoeira, capoeira... das cachaças que eu bebia, capoeira, capoeira..." (O Gaiola – Grupo Aroeira – Josecé Santos).
>
> "Saber o preço que a paz custa, olhe bem as montanhas" (Olhe bem as montanhas – Grupo Raízes – Zé Dias/Charlie).
>
> "Se alguém não quiser ouvir meu canto, diga logo diga agora que eu pego a viola, digo adeus e vou me embora vou pro meu sertão vou cantar para o meu povo" (Serra do Curral – Grupo Céu e Terra – Luciano Maciel).
>
> "...vou dar uma voltinha, vou caçar papa-terra, esse bicho ladino que vive assustando essa gente pacata de Cachoeirinha" (Cachoeirinha – Grupo Agreste – Pedro Boi/Braúna).
>
> "Ô ô...quando sinhô ia a missa era nego quem levava, sinhô entrava pra dentro, nego lá fora ficava. Ô ô... sinhô entrava pra dentro, nego la fora ficava, se nego tava cansado de chicote ele apanhava" (Missa Conga – Grupo Raízes – Folclore).

Os festivais da canção, recorrentes eventos na década de 1970, proporcionaram o encontro de músicos e estimularam a criação dos referidos grupos. À exceção do *Raízes*, todos os demais grupos se formaram a partir do movimento propiciado pelos festivais. Por essa razão, é oportuno abrir uma seção específica para tratar desse tema.

Festivais da canção popular – lugar de expressão cultural

Inicialmente, não foi previsto escrever uma seção sobre festivais da canção, porém, após ouvir os depoimentos de músicos que participaram dos grupos aqui evidenciados e perceber que a maioria destes foram constituídos a partir dos festivais de música que ocorreram em Montes Claros na década de 1970, entendeu-se a importância de destacar esse tema, neste livro.

Sobre os festivais, conta-se com a colaboração do musicólogo Zuza Homem de Mello (2003), da historiadora Anaïs Fléchet (2011) e do historiador José Fernando Saroba Monteiro (2015).

Os festivais da canção podem ser considerados um espaço de interação entre o músico e a plateia, um lugar de entretenimento, de propagação musical, de cultura. Mas, em se tratando dos memoráveis festivais no Brasil, nas décadas de 1960 a 1980, que abrangem quase todo o período da Ditadura Militar, esse movimento cultural foi um lugar, também, de protesto contra a repressão e o autoritarismo do regime. Além disso, os festivais permitiram uma grande visibilidade aos artistas, e muitos aproveitaram-se dessa evidência para impulsionar suas carreiras.

Os festivais podem ter duas "concepções diferentes": a primeira é uma mostra artística, sem o intuito de competir, apenas ofertar ao público um novo segmento da arte que se apresenta na sociedade (Mello, 2003), sendo o I Festival da Velha Guarda[5] (1954) o precursor desse modelo. A segunda concepção difere da primeira apenas pelo aspecto competitivo, que é uma de suas características.

No cenário do pós-Segunda Guerra Mundial, França e Estados Unidos tornaram-se pioneiros nos festivais de músicas populares. O intuito desses eventos era divulgar as novidades jazzísticas da época (Fléchet, 2011), porém são as décadas seguintes, 1960 e 1970, as consideradas marcantes no cenário mundial, pelo número expressivo desse acontecimento na América, Europa e África. Em virtude disso, esses eventos alcançaram uma enorme dimensão, a partir da veiculação pelas emissoras de televisão para diversos países, permitindo expandir consideravelmente o número de expectadores, que puderam assistir aos shows de suas próprias casas.

O Brasil integra-se a esse movimento cultural global e também realiza festivais da canção, eventos que tiveram uma grande repercussão. Nas décadas de 1960 e 1970, esses eventos aconteceram em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, México e Dacar, contribuindo para criar uma cultura musical mundial, transformando a música em um fenômeno que conectava diferentes países (Fléchet, 2011).

[5] O I Festival da Velha Guarda foi promovido pela Rádio Record, reunindo, em São Paulo, para diversas apresentações, os músicos Pixinguinha, Donga, João da Baiana, entre outros que se destacavam no Rio de Janeiro.

As décadas supracitadas, por conta da expansão midiática, podem ser apontadas como sendo o início da globalização cultural contemporânea. Esse período é marcado pela intensificação e complexificação dos fluxos culturais internacionais, configurando o cenário global da forma como é conhecido hoje.

Considerando a visibilidade proporcionada pelos festivais, por meio de toda a máquina midiática que envolvem, esses eventos tornam-se um espaço também para revelação de novos talentos e gêneros musicais, propulsor de carreiras artísticas, enfim, um lugar onde as portas podem se abrir e propiciar o sucesso.

Segundo Mello (2003), os festivais de canção, no Brasil, iniciam-se com os concursos de marchinhas no Rio de Janeiro, na década de 1930. No entanto, os primeiros festivais de canção, nos moldes como são conhecidos hoje, foram: *As 10 Mais Lindas Canções de Amor* (Rio de Janeiro) e a *I Festa da Música Popular Brasileira* (São Paulo), que ocorreram em 1960, tendo como organizadores a TV Rio e a TV Record, respectivamente. Ao contrário da pouca repercussão desses dois festivais, o *I Festival da Música Popular Brasileira* (1965), realizado pela TV Excelsior e que, além de ter lançado a ideia de festival televisivo – contando com investimentos, também, de empresas privadas –, marcou o início de uma nova maneira de interpretar canções, tendo como expoente Elis Regina, vencedora do festival, cantando *Arrastão* (Vinícius de Moraes e Edu Lobo).

O período marcado pela Era dos Festivais no Brasil inicia-se a partir de 1960 – mesmo não tendo grande repercussão –, findando em 1972, com o VII Festival Internacional da Canção (FIC), produzido pela TV Globo. Nesse contexto marcado pela transmissão televisiva, as organizações desses festivais se alternavam, principalmente, entre a TV Record e a TV Globo.

Estando no período de Ditadura Militar (1964-1985), os festivais acabaram sendo um espaço de manifestação da contracultura, sobretudo contra o regime autoritário vigente. De maneira discreta e sutil, os músicos expressavam, por meio das letras das canções, a insatisfação pelo regime imposto e a resistência ao contexto político, social e cultural instaurado.

A Era dos Festivais chega ao fim pelo fato de a música ter deixado de ser o primeiro plano, e a TV Globo, produtora desses últimos festivais, desgastou-se resolvendo problemas de ordem política, deixando, assim, de promover os festivais. Acrescenta-se também, a ausência de profissionais que realmente tivessem "ouvidos de músico", inseridos nessa esfera, para avaliar os candidatos e as canções concorrentes. Ao discutir a Era dos Festivais, Mello (2003) cita o depoimento de Roberto Freire[6], que sinaliza a importância desse movimento cultural, por ele considerado como um acontecimento importantíssimo na vida brasileira, por três motivos: primeiro, pela promoção do engajamento popular no processo de transformação da música brasileira; depois, pela amplitude na divulgação e no debate acerca da música brasileira, em função da tecnologia televisiva; por fim, pela importância de um fato histórico: artistas como Chico Buarque despontaram a partir de festival da canção, tornando-se necessário que aos jovens se dê conhecimento acerca disso, assim como da luta para efetivar essa revolução na música popular brasileira.

O movimento cultural dos festivais dos grandes centros brasileiros – Rio de Janeiro e São Paulo – ecoou por todo o País, inclusive nas cidades interioranas. A cidade de Montes Claros foi contagiada por esse movimento, que foi marcante na história cultural desse lugar, principalmente por meio do Festival Universitário da Canção Popular (Fucap), que será abordado na seção seguinte.

O movimento de festivais de música em Montes Claros

Sobre os festivais em Montes Claros, serão apresentadas entrevistas com músicos, além da colaboração de Jerusia Arruda (2006) e de Sérgio Mourão (2021).

[6] Roberto Freire, psicanalista-jornalista-teatrólogo, foi jurado no primeiro festival da Excelsior, em 1965, e no sétimo FIC da TV Globo, em 1972.

Montes Claros, como cidade do sertão mineiro, considerada a capital do Norte de Minas, tem, em sua população, muitos imigrantes, que aqui se fixaram, o que, conforme Georgino Júnior (2011), permitiu a entrada de novos hábitos e costumes, tornando a cidade cosmopolita.

As manifestações culturais do Município foram se constituindo e sendo intensificadas, no percurso da sua história: as serestas, a partir do Grupo de Seresta João Chaves, criado em 1967; os carnavais das décadas de 1960 e 1970, com diversas escolas de samba e blocos embalando os foliões; a produção musical de Beto Guedes (integrante do *Clube da Esquina*) e de seu pai, Godofredo Guedes (músico, luthier e artista plástico); os grupos *Raízes* e *Agreste*, que, segundo Charlie Boavista, "[...] cantavam a poesia, a melodia, o folclore e os costumes destes Montes Claros" (Revista Tempo, 2007); as Festas de Agosto, que ganham merecido destaque, por perdurarem de 1839 até os dias de hoje, com os ternos dos catopês, marujos e caboclinhos. Acrescentam-se, ainda, as bandas de bailes e de rock, que foram se expandindo a partir da década de 1960, com *Les Cherries* e *Brucutus.* De acordo com Tiago Carvalho (2011), o rock em Montes Claros ultrapassou os limites da música: seus símbolos, gírias e valores moldaram o estilo de vida e a identidade cultural de uma parcela da população local.

Além das manifestações mencionadas acima, os festivais de canção de Montes Claros foram espaços marcantes nas décadas de 1970-1980. Nesses eventos despontaram vários grupos e jovens artistas que perceberam na música a possibilidade de se expressarem, cantando o cotidiano do sertão mineiro e, conquistando, assim, um lugar no cenário cultural da cidade.

Os festivais da década de 1970 aconteciam inicialmente em colégios, passando, posteriormente, para espaços maiores, como estádios de futebol. No âmbito dos colégios destacam-se o Festival da Canção do Norte de Minas (Fecanm), da Escola Normal, e o Festival Bíblico da Canção, do Colégio São José. Segundo Valmyr de Oliveira (2020)[7], a primeira edição do Festival Bíblico da Canção do Colégio São José contou com sua participação,

[7] Valmyr Antônio de Oliveira (Valmir Melancolia/Valmyr de Oliveira). Entrevista de pesquisa, concedida em 09 de dezembro de 2020, por webconferência Google Meet, Montes Claros-MG.

defendendo uma composição autoral, em parceria com Sônia Duarte, colega da escola Dulce Sarmento. Na ocasião, o colégio foi representado por três canções, e a premiação de 1° lugar coube a Tião Andrade. Valmyr relata que foi formado um coro de apoio, com integrantes do Celf convidados pela professora Regina Coelho, que eram: Marta de Paula, Rita Maciel e Neidão. Acrescenta-se, ainda, que José Nardel interpretou a música vencedora de Tião, enquanto Emerson Cardoso ficou responsável por apresentar a canção composta por Valmyr.

No I Fecanm, Valmyr de Oliveira foi o primeiro colocado, com a música *A voz da natureza*, interpretada por Naluh Jansen, acompanhada pelo *Grupo Tryuna*, do qual ele participava como músico. Ele comenta sobre a importância dos festivais para a formação de novos vínculos de amizades, destacando a rotina de ensaios, momento propício para fortalecer esses vínculos. Valmyr descreve uma rede de conexões por meio da qual conheceu Zé Arlen, Emerson Cardoso, Tico Lopes, Gilson Nunes, Tião Andrade e José Nardel.

O festival de música é um acontecimento que proporciona o encontro de músicos e o surgimento de grupos, como é o caso do *Céu e Terra* que, segundo Luciano Maciel, ex-integrante, constituiu-se logo após a participação no Fecanm da Escola Normal, ocorrido no final de 1976. Na época ele se encontrava com 16 anos de idade.

Foi também no Fecanm que brotou a ideia de formar o *Terno de São Benedito*. Numa das edições do festival, em meados da década de 1970, Tino Gomes, participante do corpo de jurados no festival, empolgado com o *Grupo Tryuna*, que participava do evento defendendo uma canção, convidou os músicos para acompanhá-lo nos seus shows. Tino, não satisfeito com o nome, sugeriu algo que remetesse à cultura local, mudando a designação para *Terno de São Benedito* – santo celebrado por um dos grupos de catopês de Montes Claros.

Nas décadas de 1970 e 1980, como afirmado anteriormente, os festivais de canção popular tinham-se difundido não apenas em Montes Claros, mas na região, com as cidades interioranas se inserindo na onda cultural que movia o País, inspiradas na ideia dos festivais produzidos pela TV Globo, no Rio de Janeiro, e pela TV Record, em São Paulo. Assim, cidades mineiras como Janaúba, Corinto, Curvelo, Brasília de Minas, Montes Claros e outras

mais criaram seus festivais, que passaram a fazer parte do calendário cultural dessas cidades.

Em Montes Claros, há que se considerar que o Festival Universitário da Canção (Fucap) ficou marcado no contexto artístico-cultural da cidade. Esse festival, por alguns anos, passou a fazer parte da agenda de eventos do Município. Segundo Arruda (2006), o Fucap foi idealizado pelo jornalista e dramaturgo Reginauro Silva e organizado pelo DCE da Fundação Norte Mineira de Ensino (FUNM), instituição que deu origem à Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. A primeira edição desse evento foi destinada a acadêmicos de todo o território nacional e contou com o apoio da Ordem dos Músicos do Brasil, do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez e da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Essa primeira versão do festival contou com a participação de grandes nomes da cena musical brasileira, além de ter dado visibilidade a talentosos artistas que concorreram a uma distinta premiação.

Acerca da cronologia e organização das edições do Fucap, conforme Arruda (2006), as duas primeiras versões aconteceram em 1976 e 1977, sendo Reginauro Silva o presidente do DCE. Em 1978 e 1979, os presidentes foram Sandoval Ruas e Miguel Vinícius, nessa ordem. Em 1981 aconteceu mais uma edição desse festival – a 5ª –, que teve como música vencedora *Leve-me*, de autoria de Eduardo Maciel. Depois de uma lacuna de quase dez anos, em 1988, foi realizada a 6ª edição. Nesta, o presidente do DCE era o estudante de Direito Sérgio Mourão, que tinha o propósito de resgatar o evento e dar continuidade ao festival, pois sabia da "fama e importância" desse movimento cultural para a cidade e região. Após novo intervalo, realizou-se, no ano de 2006[8], a 7ª e última edição do Fucap.

O evento foi organizado pelo DCE da Unimontes, que estabeleceu uma parceria com o Fucap e incluiu, nessa última edição, acadêmicos do curso de Educação Física e do Departamento de Artes. Além da Unimontes,

[8] Na última edição do Fucap, em 2006, o autor deste livro foi premiado em 2º e 3º lugares, com as músicas Mil girassóis e Meu senhô, meu guardadô..., ambas de sua autoria. Essa última foi interpretada por alunas do Curso Artes/Música da Unimontes.

o festival teve como parceiros o Conservatório e a Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros. Para Arruda (2006), assessora de comunicação da Unimontes nessa edição, a configuração se diferenciou das demais, principalmente por permitir inscrições apenas de universitários matriculados na instituição. O festival foi inserido dentro da programação da Calourada Unificada (Unicalourada) de 2005/2006.

Segundo Mourão (2021), em Montes Claros, as cinco primeiras edições do festival (1976-1979 e 1981) aconteceram no Estádio José Maria Melo (Campo do Cassimiro de Abreu). Na sexta edição (1988), o festival foi realizado no Parque de Exposições João Alencar Athayde, valendo-se destacar que, por ser ano de eleição, a música, atravessada por questões políticas enquanto manifestação artística, acabou relegada a segundo plano. Já a sétima edição – Fucap 2006 – realizou-se nas dependências do *campus* da Unimontes.

O Fucap trouxe para Montes Claros músicos e grupos que estavam se destacando no cenário nacional, como Ney Matogrosso, *14 Bis*, Rolando Boldrin, Luiz Gonzaga, Antônio Carlos e Jocafi, Belchior, Saulo Laranjeira, Concerto Sertanez, entre outros. Com a participação de renomados artistas como atrações principais no Festival, há que se considerar a consequente valorização do cenário cultural da cidade e a ampla visibilidade que foi dada ao Fucap, marcado pela presença massiva de um público jovem.

Figura 1: Premiação do Fucap (década de 1970)



Fonte: Acervo pessoal de Tino Gomes.

Na imagem acima, o registro da premiação de primeiro lugar a Tino Gomes, em uma edição do Fucap ocorrida na década de 1970, ocasião em que defendeu a música *Saudades do Rio Pacuí*, de sua autoria.

O Fucap, devido à sua dimensão, em se tratando de público, premiação, local, entre outras características, proporcionou um amplo envolvimento dos músicos locais, representando um momento de muita inspiração para a criação de canções, o que favoreceu a constituição de um vasto repertório musical no Norte de Minas.

Nesse contexto, torna-se relevante pensar que a música se configurava como o veículo de expressão social a partir do imaginário[9] dos artistas. Nessa esteira, mais uma identidade musical norte-mineira foi se desenhando e se reafirmando na cena cultural da cidade: é visível a presença marcante do violão, da viola, do coro e do repertório que fazem lembrar as modinhas das serestas, o ritmo que nos remete aos ternos do nosso congado, além dos textos que trazem temáticas sobre o ser norte-mineiro. Além disso, é importante

[9] Considera-se imaginário, na visão do pensador francês Michel Mafessoli (2001), como sendo algo coletivo, como o estado de espírito de um grupo. Segundo esse teórico, o imaginário não é tratado como algo fictício, irreal ou ilusório, e, sim, contrariamente, como algo real.

pontuar que, mesmo influenciado por artistas e grupos de outros lugares – como Sá, Rodrigues e Guarabyra, com o *Rock* rural, *Banda de pau e corda* e *Quinteto violado*, com a música regional com sotaque nordestino –, o estilo musical norte-mineiro se constituiu e se diferenciou por estabelecer um forte diálogo com a cultura local.

Música e efervescência cultural em Montes Claros

A partir de meados da década de 1970, dentre suas diversas manifestações culturais, Montes Claros vivenciava um intenso movimento musical constituído por grupos de jovens estudantes que tocavam em shows, participavam de festivais e de vários outros eventos culturais na cidade e nas localidades vizinhas. O evento propulsor para a criação desses grupos foram os festivais, que permitiam encontros, diálogos musicais, estimulavam a composição, além de construir um cenário onde artista e público compunham uma bela paisagem. Dos diversos grupos, destacamos, para este livro: *Agreste*, *Aroeira*, *Céu e Terra*, *Terno de São Benedito*, *Tryuna* e *Raízes*.

Consideramos que o movimento dos grupos musicais de Montes Claros, na década de 1970, estava antenado ao Movimento Armorial de música, que foi criado a partir de Ariano Suassuna, na mesma década. O Armorial tinha como propósito valorizar as artes populares nordestinas, dentre elas a música, criando e difundindo, por meio de seus cantadores e grupos musicais, uma sonoridade característica e autêntica do Nordeste, negando-se, assim, a cultura de massa e o excesso de influência da arte estrangeira.

Os grupos montes-clarenses tiveram a *Banda de pau e corda* e o *Quinteto violado*, representantes da música nordestina em âmbito nacional, como inspiração, o que demonstra ter havido um diálogo entre a música do Norte de Minas e a música armorial do Nordeste, que tinha como destaque, além dos grupos supracitados, os músicos Ednardo, Zé Ramalho, Geraldo Azevedo, Alceu Valença, entre outros artistas de relevância no cenário musical brasileiro.

Embora houvesse esse diálogo, é importante mencionar que os grupos de Montes Claros exploravam, em suas canções, a realidade cotidiana e as vivências locais, consolidando uma representação autêntica da cultura do sertão mineiro. Nesse sentido, muito do repertório construído no passado, ainda hoje, está nítido na memória afetiva das pessoas que viveram esse movimento musical, estando presente, também, na vida da nova geração que, de alguma forma, teve contato e se identificou com essa produção, podendo-se considerar que a música se inscreve na história de Montes Claros e faz parte da sua cultura e das referências musicais norte-mineiras.

Ao se pensar em uma cronologia, é razoável partir da trajetória do *Grupo Raízes*, que foi criado em 1973. Ainda que não tenha sido originado em Montes Claros, tampouco firmado moradia por aqui, teve, em suas diversas formações, músicos desta cidade, podendo-se destacar a importância do montes-clarense Charlie Boavista na história do grupo, considerando que esse músico participou de toda a sua trajetória. Outros grupos foram criados na cidade, na esteira do *Raízes*, mas sem perder de vista o fato de tê-lo como referência, porque, mesmo atuando em São Paulo, este grupo cantava o sertão mineiro, e isso ressoava por aqui.

Em 1975 inicia-se a história do *Grupo Tryuna*, que compunha uma trupe teatral. O *Grupo Céu e Terra*, responsável pela inauguração do auditório Centro Cultural Hermes de Paula, surgiu um pouco depois, no ano de 1977. Em seguida, 1978, três novos grupos foram criados: o *Grupo Agreste*, tendo como patrono Téo Azevedo; o *Terno de São Benedito*, que era a banda que acompanhava Tino Gomes, e o *Aroeira*, ao qual foi concedida a honra de acompanhar Zé Côco do Riachão.

Considerando que Montes Claros situa-se em um local estratégico e que pessoas de diferentes localidades aqui firmaram moradia, apontamos alguns músicos dos grupos destacados acima que, por força do destino, aqui desembarcaram e foram adotados pelo Município. São eles: Pedro Boi (Ibiracatu-MG), Josecé Santos (Juazeiro-BA), Ildeu Braúna (distrito de Nova Esperança-MG), Valmyr de Oliveira (Buenópolis-MG), Tião Andrade (distrito de Santa Rosa de Lima-MG), Manoelito Xavier (Francisco Sá-MG).

Assim, esse encontro dos filhos de Montes Claros com os que aqui fincaram raízes oportunizou uma rica produção musical que conta um pouco da história desse imenso sertão mineiro. Essa conexão musical efervesceu e movimentou a cultura do Município.

OZ | A MÚSICA CONECTANDO E ETERNIZANDO MEMÓRIAS

Grupo Raízes – abrindo a porteira para cantar o sertão mineiro

Uma parte da história do *Grupo Raízes* foi escrita, principalmente, a partir de entrevista realizada em 05 de dezembro de 2020, com João Batista de Almeida Costa – conhecido artisticamente por Joba –, antropólogo e ex-integrante do *Raízes* na sua primeira formação. Concedeu, também, entrevista, no dia 16 de dezembro de 2020, Elcio Lucas de Oliveira, integrante da 3ª formação do grupo. Além dos dois músicos, há informações coletadas nos trabalhos científicos de Mary Aparecida de Alencar Durães (2010). Os músicos Tino Gomes e Zé Dias, ex-integrantes do *Raízes*, tiveram expressivas contribuições com seus acervos de imagens e algumas informações complementares, assim como há, também, informações que se relacionam, de forma direta ou indireta, a outros músicos, tais como: Charlie e Cori.

Esse grupo começou a escrever a sua história na primeira metade da década de 1970, e é conhecido como um dos representantes da música regional norte-mineira, sendo projetado no cenário musical brasileiro.

A história inicia-se quando Charlie Boavista e Tino Gomes vão estudar na cidade de São Paulo e, coincidentemente, participam de uma seleção para atuarem numa peça teatral. O espetáculo era *Morte e vida severina* (de João Cabral de Melo Neto), que foi aprovado num edital do Governo do Estado de São Paulo, tendo como proponente do projeto e personagem da peça o ator Paulo Autran. A trupe se apresentaria em diversas cidades daquele estado. Os dois montes-clarenses não atuaram como atores, mas se destacaram na trilha sonora do espetáculo, juntamente com a paulistana Eliana Esteves e a cearense Ângela Linhares, que, na época, era companheira de Charlie. O quarteto, bem recebido pelo público paulista, além de tocar durante as apresentações da peça teatral, fazia uma breve performance antes de iniciar o espetáculo. Esses momentos oportunos de interação permitiram que os integrantes se estruturassem e fossem moldando sua identidade musical, temperada com uma pitada à mineira, cearense e paulista.

Esse grupo de artistas começa a atuar, com o show intitulado *Raízes*, em boates, faculdades e teatros na cidade de São Paulo e, com o tempo, o show se expande para as cidades interioranas. Dessa forma, conclui-se que o nome *Grupo Raízes* foi pensado a partir do título de uma apresentação que a trupe fazia antes de ser, de fato, constituído.

Num show na faculdade de Sociologia Política onde Darcy Ribeiro estudou, **Joba** (2020)[10] recorda-se da surpresa do grupo ao ser questionado: "Eu poderia subir no palco e tocar com vocês?". Era o renomado violonista espanhol de flamenco Paco De Luccia, que faria o show logo após o do *Raízes*.

JOBA

montes-clarense, participou da gravação do 1º álbum do Grupo Raízes, período no qual o grupo se instalava em São Paulo. Joba intitulava-se como percussionista aleatório.

[10] João Batista de Almeida Costa (Joba). Entrevista de pesquisa concedida em 05 de dezembro de 2020 – Montes Claros-MG.

Na formação inicial desse grupo, em 1973, estavam: Charlie, Tino Gomes, Eliana Esteves e Ângela Linhares. A presença de Eliana Esteves no grupo foi passageira, de forma que ela não chegou a participar da gravação do primeiro álbum, em 1974. Sem firmar data precisa, **Tino Gomes** (2020)[11] revela que a musicista deixa o grupo para seguir carreira solo. Com a ausência dessa cantora, passa a integrar o grupo mais um norte-mineiro, o montes-clarense Joba, que foi para São Paulo com o intuito de prestar um concurso na Escola de Arte Dramática da USP, e o destino o encaminhou para a música.

TINO GOMES

montes-clarense, participou do *Grupo Raízes* na sua primeira formação, quando o grupo se instalava em São Paulo. Tino contribuiu com o *Raízes* como compositor, violonista e vocalista.

Segundo Joba, sua participação no grupo inicia-se num café-concerto de nome *Casa das ilusões*, onde o *Grupo Raízes* participava de um show e convidaram-no para tocar percussão. Nessa apresentação estavam na plateia os músicos Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Baden Power, Gal Costa e Maria Betânia.

[11] Juventino Dário de Oliveira (Tino Gomes). Informações obtidas por Jukita Queiroz, em 09 de dezembro de 2020, por webconferência Google Meet – Montes Claros-MG.

Figura 2: *Raízes* e Elza Soares (*in memoriam*) – 1973



Fonte: Acervo de Tino Gomes.

A Figura 2 retrata os integrantes do *Raízes* com Elza Soares, em 1973, antes da gravação do primeiro álbum, sendo eles: Eliana, Charlie, Elza, Tino e Ângela. Fazendo parte do contexto cultural da capital paulista, após *Morte e vida severina*, entre os diversos encontros, com nomes hoje consagrados na música brasileira, o grupo registra esse momento no show *Viva Elza*, no Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo, em 1973. Nesse espetáculo, que durou uma temporada de quatro meses, o grupo – futuro *Raízes* – fazia *backing vocal*[12] para Elza.

Conforme Durães (2010), apesar de ter uma produção musical considerada como expressão da região norte-mineira, quando o grupo foi criado, o fazer musical ultrapassava os marcos regionais, isso para os seus integrantes.

[12] *Backing vocal* é o mesmo que vocal de apoio à voz principal. Pode ser utilizado para dar volume ou para ornamentar a melodia principal com vozes distintas.

Ao refletirem sobre suas origens, os músicos declaram que o grupo concebeu, de forma particular, elementos do tropicalismo, do folclore mineiro e da música regional de João do Vale e Luiz Gonzaga. Eles apontam ainda a influência de sonoridades de conjuntos nacionais como *Secos e molhados*, *Mutantes*, *Tarancón*, *Quinteto violado*, *Banda de pau e corda*, Sá e Guarabira e do pessoal do Ceará, além de referências internacionais como Beatles e Bob Dylan.

Tendo maior visibilidade e ganhando publicidade, com pequenas notas em jornais como a *Folha de S. Paulo*, o grupo recebe convite, em 1974, da gravadora Continental para a produção do primeiro álbum. Participaram da gravação do primeiro disco, intitulado *Grupo Raízes*: Tino Gomes (violão e vocal), Charlie (percussão e vocal), Joba (percussão), Ângela Linhares (percussão e vocal), Ruy Weber (violão, viola e guitarra), Ângelo Tokutak (baixo). Esse disco contou com a participação, também, do montes-clarense Jorge Bodão, que chegou em São Paulo no momento em que o *Raízes* gravava o primeiro álbum, quando foi convidado para tocar viola, percussão e vocal.

Esse álbum traz como características a fusão cultural de mineiros, nordestinos e paulistas, marcada por uma sonoridade que remete ao regional do sertão mineiro, juntamente com uma estética pop e experimental dos anos de 1970. Destaca-se, nesse disco, a presença dos arranjos vocais, sobressaindo Charlie, Tino e Ângela. A capa do disco, conforme a imagem a seguir (Figura 3), expressa a origem brasileira, por meio de simbolismos, a exemplo de pombas brancas, que estão ligadas à religiosidade popular (Divino Espírito Santo); a árvore representando a Mãe Terra; a onça, que é um animal sagrado para muitos povos indígenas; o sol nascendo, representando o renascimento ou até mesmo o sertão-mineiro e seu semiárido.



Figura 3: Capa do 1° álbum do *Grupo Raízes*

Fonte: Acervo de Georgino Neto.

A seguir, será apresentada uma imagem (Figura 4) dos integrantes do *Grupo Raízes* que gravaram o 1° álbum, sendo eles: Joba, Ruy, Tino (sentado), Ângelo, Ângela e Charlie. O figurino, segundo Joba, de cor branca e fitas coloridas, trata-se de uma alusão aos ternos de catopês de Montes Claros, além de demonstrar liberdade de expressão e ousadia – cabelos longos, blusas curtas e justas, pés descalços. A indumentária foi constituída sob a assessoria do figurinista, na época, Edwin Luisi, que posteriormente tornou-se ator da Rede Globo.

Figura 4: Formação do *Raízes* no 1º álbum



Fonte: Acervo de Tino Gomes.

No ano de lançamento desse álbum, em 1974, além de shows em São Paulo, aconteceram diversas apresentações em Minas Gerais: Montes Claros, Brasília de Minas, Januária, festivais em Ouro Preto, Diamantina e Belo Horizonte. Na capital mineira o trabalho teve boa repercussão, com o Teatro Marília mantendo sempre um bom público.

De acordo com Joba, o primeiro álbum proporcionou mais visibilidade ao grupo, pois a agenda de shows era intensa. Consequentemente, o *Raízes* foi convidado para o Festival de Águas Claras, em Iacanga-SP, conhecido como *Woodstock* brasileiro. Esse evento aconteceu em janeiro de 1975 e contou com a participação dos Mutantes, Walter Franco, Jorge Mautner e mais de uma dezena de convidados, conforme Figura 5, a seguir.



Figura 5: Cartaz oficial da primeira edição do Festival de Águas Claras (1975)

Fonte: Pinterest (site internet)

Embora o nome do *Raízes* tenha constado no cartaz do evento, o grupo não participou do Festival de Águas Claras, por estar no Norte de Minas, na ocasião, onde fez diversos shows de lançamento do 1° álbum. Além disso, a produção do festival não tinha condições financeiras para arcar com as despesas de viagem do grupo para São Paulo.

Voltando ao ano de 1974, um fato importante merece menção: com um show do *Raízes* agendado no Rio de Janeiro (Teatro Opinião), Tino Gomes não menciona, mas demonstra querer deixar o grupo, e o faz, retornando para Montes Claros. Os motivos do afastamento de Tino Gomes não foram explicitados, mas Joba comenta que, "depois de dois anos, o grupo tocando, a forma de dobrar a cabeça, você está entendendo muita coisa, num olhar, [...] a gente tinha uma linguagem gestual que o tempo inteiro a gente lia e fazia o show. E aí faltou Tino". O grupo retorna do Rio para São Paulo. Ângela, grávida, não pode participar dos shows e, com isso, sem trabalho, Joba, também, deixa a capital paulista com destino a Montes Claros, ainda em 1974.

O *Grupo Raízes* se manteve em São Paulo com uma nova formação, tendo como principal referência o montes-clarense Charlie Boavista. Em 1976, o grupo grava o segundo álbum, conforme imagem a seguir (Figura 6), com a participação de Ângela Linhares, Miltinho, Zé Criolo, Marcelo Padre, Ruy Weber e Charlie.

Figura 6: Capa do 2° Álbum do *Grupo Raízes*



Fonte: Acervo próprio.

Brejo das Almas é o título do segundo disco gravado pelo *Grupo Raízes*, sendo, também, o nome de uma das canções desse álbum, numa parceria entre Charlie Boavista e Milton. Esse nome está conectado à história do Norte de Minas, já que era como se chamava, no passado, a cidade mineira de Francisco Sá.

Na visão de Joba, é o melhor trabalho do grupo, por meio do qual a janela se abre para o Norte de Minas. Ainda sobre as particularidades do novo álbum, Durães (2010) aponta que a escolha dos nomes das faixas desse novo disco evidencia uma nítida exaltação ao sertão mineiro e às suas tradições. Canções como *Brejo das Almas*, *Reza folia*, *Ventania*, *Mãe Terra*, *Casa de caboclo*, *Mormaço* e *Santos Reis* demonstram a intenção do grupo em prosseguir com a caminhada, em direção à valorização da cultura norte-mineira.

Em 1977, em ascensão, o *Grupo Raízes* começa uma nova história em terras de Minas. Segundo **Zé Dias** (2026)[13], assim que chegou na capital mineira, o grupo se estabeleceu no bairro Serra. Um ano depois, os músicos mudaram-se para um sítio na estrada para Sabará-MG, município localizado na região metropolitana de Belo Horizonte. A primeira formação do Grupo Raízes em BH foi: Charlie (voz principal e percussão), Cori (voz e violas), Enzio Garaype (voz e violas), Fernando Pacífico (flauta), Zé Dias (voz, baixo elétrico e acústico) e Zé Henrique (voz, acordeom, bandolim e percussão). Em um curto espaço de tempo, ocorreu a saída de Enzio e Fernando e, com isso, ingressaram no *Raízes* o montes-clarense Elcio Lucas (voz e violão), além de Marcelo Padre (flauta e sax). Com a entrada desses dois novos músicos, considera-se esta como sendo a terceira formação do grupo, tendo como referência os álbuns produzidos.

ZÉ DIAS

nascido em Recife, veio para Belo Horizonte com 10 anos de idade. Foi integrante da terceira formação do Raízes, quando o grupo iniciou uma nova história em Minas Gerais. No grupo, participou tocando baixo elétrico e acústico, além de atuar como vocalista e compositor.

Cabe destacar as participações do baterista Dimas Figueiredo que, mesmo não tendo atuado nas gravações dos discos, participou de diversos shows do *Raízes* pelas cidades mineiras. Da mesma forma, Zé Ruy, que fez algumas intervenções como convidado em shows realizados em Montes Claros, tocando bongô.

[13] José Dias Guimarães de Almeida (Zé Dias). Informações coletadas por meio do aplicativo WhatsApp, em 27 de julho de 2026.

Nessa nova formação, com exceção de Marcelo Padre, todos compunham e cantavam. Para **Elcio Lucas** (2020)[14], o grupo foi capaz de produzir uma música "de raiz", mas ultrapassando a linha do regionalismo, transitando pela modernidade. Ele justifica essa modernidade, acreditando que os novos integrantes tinham novas influências, e o músico cita como exemplo o *Clube da Esquina*.

ELCIO LUCAS

montes-clarense, iniciou seus estudos de violão no Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez, com a professora Geny Rosa. Integrou a 3ª formação do Grupo Raízes, quando o grupo residia próximo a Belo Horizonte-MG. Compositor, violonista e vocalista, Elcio participou dos álbuns *Olhe bem as montanhas e Menino do interior.*

A partir de Durães (2010), tem-se o relato do integrante **Cori Gonzaga**[15], afirmando que, com os novos músicos que integraram o grupo, uma nova sonoridade passou a ser apresentada, em consequência de pedal de efeitos na craviola, assim como do saxofone tocado por Marcelo Padre, do contrabaixo elétrico, junto com "uma pegada bem percussiva do Raízes" (Durães, 2010, p 74).

CORI GONZAGA

montes-clarense, foi um cantor que participou do Grupo Raízes na sua segunda fase. Tocava viola e violão e, além disso, era compositor. Compôs, com Charlie Boa Vista, as músicas *Se eu pudesse voltar pra roça e A vida do violeiro.*

[14] Elcio Lucas de Oliveira (Elcio Lucas). Entrevista de pesquisa concedida em 16 de dezembro de 2020, em Montes Claros-MG.

[15] Coriolano Gonzaga Neto (1960-2013) (Cori Gonzaga). Entrevista concedida a Mary Aparecida de Alencar Durães, em sua pesquisa de mestrado (Durães, 2010).

Em Minas Gerais, nessa nova jornada, o *Raízes*, segundo o contrabaixista Zé Dias, "estreou, em maio de 1978, com um show de enorme sucesso no Teatro Marília (BH) e, em seguida, uma nova temporada no histórico Teatro Opinião, no Rio de Janeiro". Nesse primeiro momento, havia um receio de Charlie Boavista em utilizar o nome *Grupo Raízes,* portanto houve uma série de shows intitulados *Charles - cartas nativas.*

Em 1979, o Palácio das Artes, em Belo Horizonte, por meio da Fundação Clóvis Salgado, lançou um edital para um festival que iria selecionar 12 canções para compor o álbum *Travessia – o canto dos mineiros.* O *Grupo Raízes* foi escolhido dentre os 430 participantes. Neste disco, além do *Raízes,* com a música *Estrada a fora*, participaram: *Sagrado Coração da Terra, Haroldo Anunciação, Lydston Nascimento, Mambembe, Selma Marçal, Júnia Horta, entre outros*. Zé Dias menciona que, nessa oportunidade, foi assinado um contrato entre o grupo e a Fundação, vinculado a um projeto em que caberia ao *Raízes* realizar uma temporada de apresentações no interior mineiro e na capital. Nesta última, o grupo efetuou, no Palácio das Artes, uma série de shows de abertura de ícones da MPB como Elis Regina, Simone e Fagner.

O grupo grava três álbuns com esse novo elenco, a começar com o compacto simples *Menino do interior* (conforme Figura 7, a seguir), que foi gravado na Bemol, em Belo Horizonte, no ano de 1979. O título desse disco é o nome da canção de Cori e Charlie, que trata do menino do interior, inocente, que vai para a cidade grande. Como explicado no início desta obra, é válido reiterar que esse compacto foi a inspiração para o nome deste livro. Como a proposta deste trabalho é contar a história de diversos grupos, a expressão foi utilizada no plural: *Nascidos no sertão mineiro, meninos do interior...*

Figura 7: Álbum *Menino do interior* (1979)



Fonte: Acervo pessoal de Zé Dias.

A capa desse novo disco, *Menino do interior*, segundo Zé Dias, é uma imagem do grupo, que foi capitada na varanda de uma casa nas imediações do município de Moeda-MG, lugar encontrado casualmente. Os músicos são, da esquerda para a direita: Charlie Boavista, Sérgio Magrão (amigo de Zé Henrique, com breve passagem pelo grupo, tocando percussão), Cori Gonzaga, Marcelo Padre (plano superior), Zé Henrique (plano inferior), Elcio Lucas e Zé Dias. O disco é composto pela música que dá nome ao compacto e pela canção *Minas Gerais*, parceria entre Charlie e Zé Henrique.

Em 1980, a trupe se desloca até São Paulo para gravar seu quarto álbum, *Olhe bem as montanhas* (Figura 8), no estúdio da gravadora Fermata. Zé Dias relata que “a gravação foi feita de forma independente e, posteriormente, o grupo negociou com a gravadora”. Nesse trabalho, o grupo revela uma grande potencialidade técnica e harmônica, o que permitiu uma nova roupagem às canções. A presença vocal destaca-se com um coro forte, moldado por diversas vozes, pontuado com os agudos de Cori, em clara referência à requinta das folias de reis.



Figura 8: Álbum *Olhe bem as montanhas* (1980)

Fonte: Acervo próprio.

Sem perder sua identidade, a capa do novo LP, criada pelo montes-clarense Joaquim da Tabúa, traz uma junção de alguns símbolos, como marca da cultura norte-mineira: duas lanças indígenas que remetem a povos indígenas que habitam a região do Norte de Minas: Xacriabá e Maxakali. Além disso, a bandeira de Minas e um crânio de cabeça de boi. Acerca desse último, pensa-se que representa a busca do grupo por proteção e prosperidade, hipótese reforçada pela Figura 9, a seguir, por ter uma peça decorativa similar afixada numa das paredes da casa em Belo Horizonte, no bairro Serra, onde residiam os integrantes do *Raízes*. Na referida imagem, da esquerda para a direita: Zé Dias, Cori, Charlie, Zé Henrique e Enzio Garaype.

Figura 9: Músicos do *Raízes* ensaiando



Fonte: Acervo de Zé Dias.

O disco *Olhe bem as montanhas* é composto por 13 obras-primas, com destaque para *De trem pra Montes Claros.* Fruto da parceria entre Charlie e Faiçal, a música tornou-se referência do grupo, pelo forte laço constituído entre a canção e os fãs. Essa música expressa um sentimento saudosista, despertando emoções, principalmente nas pessoas que estão fora de Montes Claros e se veem retornando ou têm o desejo de retornar ao torrão natal. Segundo o compositor **Charlie Boavista** (2021)[16], a frase "...e mês que vem eu vou de trem pra Montes Claros" foi o mote para a construção dessa música. Ele tinha escrito esse verso e deixado nos seus guardados. Numa ocasião, dentro do trem de ferro, retornando a Montes Claros, inspirado, ele finalizou a letra.

CHARLIE BOAVISTA

montes-clarense, foi um cantor e compositor reconhecido por sua forte ligação com a cultura e a música norte-mineira, destacando-se a sua importância na história do *Grupo Raízes*, tendo participado de toda a sua trajetória.

[16] Agnaldo Pereira de Souza (1950-2025) (Charlie Boavista). Informação obtida a partir de conversa entre o autor deste livro e o compositor Charlie Boavista, no Bar do Joaquim, em Montes Claros-MG, em dezembro de 2021.

De trem pra Montes Claros é frequentemente tocada em espaços onde a música está presente, a exemplo das rádios, TVs, bares, shows e em outros segmentos em que a cidade e a música regional são celebradas. Não por acaso, em matérias de TV, essa canção tornou-se a trilha sonora nas ocasiões de comemoração do aniversário de Montes Claros.

A Figura 10, a seguir, apresenta os músicos que participaram da gravação do LP *Olhe bem as montanhas*, com seus respectivos instrumentos: Cori Gonzaga (viola), Charlie Boavista (peças da bateria), Marcelo Padre (rabeca), Elcio Lucas (violão), Zé Dias (baixo) e Zé Henrique (acordeom). Percebe-se a paisagem que remete ao sertão mineiro, com a presença do campo, da mata seca – comum nesse lugar –, paisagem que nos faz lembrar, pela presença da cancela, da entrada de uma fazenda, como se o grupo estivesse indo *Estrada afora*, nome de uma das canções do 3° álbum, composta por Charlie. De acordo com Zé Dias, essa imagem foi capturada no sítio em Sabará-MG, onde o grupo se instalou por um tempo.



Figura 10: Músicos participantes do 3° álbum do *Raízes*

Fonte: Acervo de Zé Dias.

Com o sucesso do álbum *Olhe bem as montanhas*, o grupo teve ampla visibilidade no cenário musical, proporcionando a eles apresentações constantes. Ainda sobre essa nova trajetória do grupo em Minas Gerais, Elcio Lucas comenta que a agenda do grupo

> era muito forte, Juiz de Fora, Ouro Preto, Capelinha, fomos pra vários locais, fazendo apresentações em festas de peão e tudo mais [...] Diamantina. Então havia interesse de ambas as partes, por que o público universitário estava muito ligado nessa questão da afirmação, e o grupo cumpria esse papel, com bastante originalidade, então isso garantia um palco constante pro Raízes. Belo Horizonte naturalmente, sempre tinha apresentações (Elcio Lucas, 2020).

Finalizando as produções fonográficas do grupo, o quinto e último trabalho registrado ocorreu em 1982. Esse, já sem Elcio Lucas, Cori Gonzaga, Zé Henrique e Marcelo Padre, mas com a presença da cantora montes-clarense Fatel e com a participação de Luciano Maciel, do *Grupo Céu e Terra*, tocando viola. O álbum, um compacto com quatro faixas, levou o nome de *Grupo Raízes* (Figura 11) e teve, em sua capa/contracapa, ilustrações criadas por Gilberto de Abreu, que expressou, por meio de desenhos, uma alusão ao campo, evocando toda a simplicidade do lugar e de seu povo.

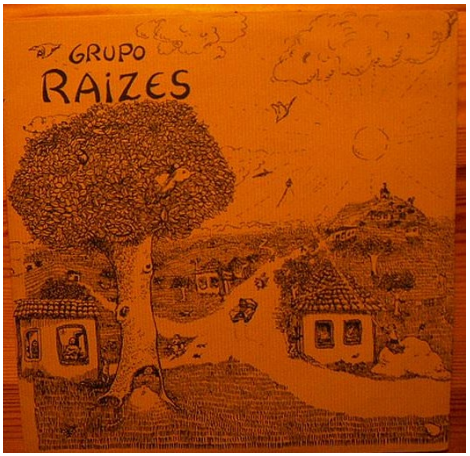


Figura 11: Álbum *Grupo Raízes* (1982)

Fonte: Acervo próprio.

Nesse disco, o *Raízes* já parecia ensaiar o seu "último suspiro", demonstrando uma nítida perda da sua essência, sua raiz mais profunda. O Norte de Minas e o seu imaginário popular já não se viam nas canções, passando a resistir no plano visual apresentado nas ilustrações criadas por Gilberto de Abreu.

Apesar dos dez anos de trajetória, do acervo constituído, cantando e escrevendo fragmentos da história do sertão mineiro, além da legião de fãs que se conectaram à sua música, o *Raízes* não resistiu ao tempo e interrompeu

suas atividades. De acordo com Brasil (2022), em meados do ano de 1983 o grupo realizou o seu último show, no Expresso BH, Projeto Melodia, no bairro Nova Suíça. Para Elcio Lucas,

> houve uma série de questões que, como todo grupo que envolve pessoas reunidas e ali, naturalmente, há fogueira de vaidades [risos] e tudo mais, todos nós passamos por essas situações e naturalmente que houve sucessividades e essas questões ficaram um pouco numa escala mais complicada, mas depois isso foi apurando com o tempo (Elcio Lucas, 2020).

Durães (2010) revela, a partir de relatos dos integrantes, que o grupo passava por dificuldades: ausência de shows, desinteresse das gravadoras pelo trabalho e falta de recurso financeiro, fatos esses que levaram o *Raízes* a uma crise.

Para finalizar, serão feitos dois apontamentos. Primeiro, é preciso evidenciar que o *Grupo Raízes* foi uma das inspirações para o surgimento de novos grupos que vieram a fazer parte da cena musical de Montes Claros, os quais serão mencionados nas seções seguintes, neste capítulo. Um segundo ponto é que o *Raízes* permanece na memória de muitos que tiveram a possibilidade de vivenciar o momento áureo do grupo, e não apenas na lembrança, mas nas vozes dos artistas que se identificam com a proposta musical, haja vista que *Desentoado* (Tino Gomes/Charlie), primeira música composta pelo grupo, foi gravada por Nobat – Belo Horizonte (2017), pela *Banda Taboo* – Montes Claros (2019) e, mais recentemente, pela *A outra banda da lua* – Montes Claros (2020). É válido acrescentar, ainda, que *De trem pra Montes Claros* (Charlie/Faiçal), na percepção deste autor, é a música mais apreciada pelo público – faz parte da memória afetiva dos montes-clarenses, que, com ela, identificam-se, principalmente os que não residem mais na cidade, pois a música expressa a saudade do sertão e o desejo de retornar a Montes Claros.

A seguir, apresentam-se cinco letras de canções, uma de cada álbum gravado pelo *Grupo Raízes*, em uma ordem cronológica:

Desentoado
(Charlie Boavista/Tino Gomes)

Eu sou fruta do norte
No curral sou boi de corte
Sou água de enxurrada
Pau preto no pé da serra
Hoje choveu no cascalho
Me arrastei na ribanceira
Vim parar nesse lugar
E logo me destoei
Entoei uma cantiga
Já entrei numa briga

Brejo das Almas
(Charlie Boa Vista/Tino Gomes)

Nessa ponta de estrada
Sigo pro Brejo das Almas
Hoje é dia de feira
Já passou do meio dia

Cruzo mais uma porteira
E a pressa de chegar
Solto a rédea da montada
Que eu quero é voar

Caminhando na estrada
Deixando o viageiro
Quero ver o burburinho
Que se forma lá na feira

Quero uma água-de-cheiro
Uma lavanda e um pente
Um remédio para o dente
Bala doce pras crianças
Um vestido pra Das Dores
E um cigarro de papel
Umas cordas pra viola
E um laço de croá

E pego a estrada
Antes que escureça
E a cisma cresça
Na escuridão

Menino do interior
(Cori/Charlie)

Nascido no sertão mineiro
Menino do interior
Não fique muito intranquilo na cidade grande

Lembre-se agora o que você sempre quis
Cuidado menino
E morre um anjo novo e inocente
Que você mesmo matou

Não diga eu não bebo nunca
Da água que corre pro mar
Depois que eu saí de casa não vou mais voltar

De trem pra Montes Claros
(Charlie Boavista/Faiçal)

Essa estrada, leva e traz dor e alegria,
A primeira caminhada, a primeira companhia,
Vim do sertão, lá do meio da chapada
Tanto tempo, tanta estrada
Tanta curva perigosa
É muito fácil, todo passarinho voa
Toda mata eu sei que é boa
Quando não tem alçapão,
Tem nada não, caminho é por onde se passa,
E mês que vem, eu vou de trem pra Montes Claros....

Nas festas de janeiro
(Charlie/Zé Américo)

A luz do seu olhar
É como um vagalume
Que acende e apaga
No meu coração
É como um dia sim
Um dia não
Difícil de entender, amor

Venha me ver um dia
Me dê o seu amor
Clareia o meu corpo assim
De luz e flor
Até o amanhã chegar
Clareia o meu corpo assim
De luz e fogo
Até o amanhã chegar

Grupo Tryuna – das trilhas sonoras do teatro à cena musical

Participaram das entrevistas sobre o *Grupo Tryuna* e o *Terno de São Benedito* os músicos Valmyr de Oliveira (Valmir Melancolia), Tião Andrade e Tico Lopes.

Na picada do *Grupo Raízes* outros grupos se formaram, em meados da década de 1970, em Montes Claros. É como se um portal tivesse sido aberto e, por essa trilha, entrasse o *Tryuna*, que começa a ser constituído em 1975, a partir do grupo teatral *Luanda*, que, na ocasião, apresentava a peça intitulada *Luanda canta Zumbi*. Tal como ocorreu na criação do *Grupo Raízes*, em São Paulo, chama a atenção o fato de os músicos estarem vinculados a um espetáculo teatral naquele momento.

Segundo Tico Lopes, um dos integrantes do *Tryuna*, o nome nasce por sugestão do artista plástico Darlan Rego. O grupo, inicialmente, era composto por três componentes e, na ocasião, iriam acompanhar o cantor Emerson Cardoso. A ideia era simples e criativa: tri (do trio), mais "um" (Emerson), formando *Triúna*. No final, mudaram a grafia para *Tryuna*.

A trilha sonora do grupo teatral *Luanda* era composta, inicialmente, pelo trio Valmyr, Zé Arlen e seu irmão André Azevedo. Tratava-se de um teatro cantado, mas com uma presença percussiva massiva. O grupo ensaiava no salão paroquial da igreja Catedral.

Nessa época, havia um grande movimento teatral na cidade e, entre os diversos grupos, destacava-se, também, o Luanda: "Teve acontecimentos interessantes dentro desse grupo, a gente criou uma união e surgiram vários eventos que a gente promoveu fora do teatro, um desses foi o *Grupo Tryuna*"

(**Valmyr de Oliveira**, 2020[17]). A instrumentação básica do *Tryuna* era: André Azevedo (violão), Valmyr de Oliveira (viola), Zé Arlen (guitarra), Tião Andrade (baixo elétrico), **Tico Lopes** (percussão). Gilson Nunes participou temporariamente do grupo.

VALMYR DE OLIVEIRA

natural de Buenópolis, aos 11 anos mudou-se para Montes Claros. Valmyr compôs o *Grupo Tryuna* e o *Terno de São Benedito*. Nesses grupos atuou tocando violão e viola, além de ser compositor e vocalista. Nessa época era conhecido por Valmyr Melancolia. No Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez estudou violão com a sua tia e professora Geny Rosa, no início da década de 1970. Posteriormente, foi professor de violão nessa instituição.

O grupo atuava acompanhando cantores e cantoras montes-clarenses, como Naluh Jansen, Eliane Jansen, Emerson Cardoso, Tino Gomes, Sérgio Ferreira e Marcelo Godoy. “Enfim, a gente fazia a cozinha desse pessoal”, nas palavras de Tico Lopes (2020)[18]. O *Tryuna* também elaborava os arranjos das músicas dos cantores que acompanhavam. Na imagem abaixo o grupo está junto com o músico montes-clarense Sérgio Ferreira (Figura 12).

TICO LOPES

montes-clarense, Tico integrou os grupos *Tryuna* e Terno de *São Benedito* como percussionista.

[17] Valmir Antônio de Oliveira (Valmir Melancolia/Valmyr de Oliveira). Entrevista realizada em 09 de dezembro de 2020, por webconferência *Google Meet*, Montes Claros-MG.

[18] Francisco Lopes (Tico Lopes). Entrevista de pesquisa concedida em 12 de dezembro de 2020, em Montes Claros-MG.

Figura 12: *Grupo Tryuna* com Sérgio Ferreira



Fonte: Acervo do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez.

De acordo com Valmyr de Oliveira, a cena musical de Montes Claros, na década de 1970, foi profundamente influenciada pelo *Grupo Raízes*, que antecedeu até mesmo Beto Guedes, montes-clarense consagrado na música popular brasileira. Ele relata que, após Tino deixar o *Raízes* e retornar à cidade, formou uma nova parceria com músicos do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez, convidando-os para formar a banda de apoio, para acompanhá-lo no I Fucap. Valmyr recorda que acompanharam Tino em canções como *Rio Pacuí* e *Claros Montes*, e menciona as mudanças na formação do grupo, que incluiu a entrada de Ci Baixinho e Cori, enquanto André optou por não participar.

Os shows do *Tryuna* acompanhando cantores aconteciam no Centro Cultural, nos cinemas, no Conservatório, em clubes e em festivais. Nesses últimos, Tico Lopes conta que houve uma edição de festival da canção em Montes Claros em que o grupo acabou sendo muito solicitado, tendo acompanhado diversos cantores concorrentes.



Figura 13: *Grupo Tryuna* com Tino Gomes

Fonte: Acervo do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez.

Essa imagem (Figura 13) retrata o *Grupo Tryuna* em uma de suas formações, acompanhando o cantor e compositor Tino Gomes (ao centro), tendo, no plano superior, à esquerda, Valmyr de Oliveira (com a alcunha, à época, de Valmir Melancolia) e, à direita, Tico Lopes. No plano inferior, à esquerda, Zé Arlen e, à direita, Cori Gonzaga.

O *Tryuna*, conforme **Tião Andrade** (2020)[19], "tinha uma pitadinha de certa modernidade, a gente vivenciava muito a MPB, [...] esse pessoal [integrantes dos demais grupos] era um pouco mais regionalista". A partir dessa posição de Tião, pode-se considerar que a música executada pelo *Grupo Tryuna* ultrapassava a referência regional norte-mineira – apresentada pelo *Grupo Raízes* e que foi influência para outros grupos.

TIÃO ANDRADE

natural de Santa Rosa de Lima, distrito de Montes Claros, município onde escreveu vários episódios de sua história. Músico autodidata, ingressou no Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez para aperfeiçoamento. Nesta instituição, atuou como professor de violão. Tião foi integrante do *Grupo Tryuna* e do Terno de *São Benedito*. Nesses grupos participou tocando violão e, principalmente, baixo elétrico.

[19] Sebastião Andrade (Tião Andrade). Entrevista concedia em 19 de dezembro de 2020, por web-conferência Google Meet, Montes Claros-MG.

Há que se considerar que o *Tryuna* atuava acompanhando diversos cantores e cantoras e, dessa forma, os estilos executados eram diversos. Acerca dessa diferenciação entre o *Tryuna* e os demais grupos, pode-se acrescentar que parte dos músicos, como Valmyr de Oliveira, Zé Arlen, André Azevedo e o próprio Tião Andrade, eram alunos de violão clássico no Conservatório, vivenciando, assim, uma nova linguagem musical, para além do regionalismo mencionado por Tião.

Ainda acerca dos diversos gêneros vivenciados pelo grupo, havia o chorinho. Na ocasião, os músicos também acompanhavam o professor Geraldo Paulista no repertório instrumental de choro. Essa formação contava, também, com Wanderdaik, filho de Geraldo Paulista, tocando pandeiro. Tião Andrade conta que o *Tryuna* chegou a fazer shows com músicas instrumentais próprias. Num desses, intitulado Dengo, o grupo tocou um samba de sua autoria chamado, naquela época, de *Abertura*, alterado posteriormente para *Vai que é sua garoto*, por sugestão de Valmyr. Essa composição de Tião foi gravada pelo *Grupo Instrumental Geraldo Paulista*, em 2008, no CD intitulado *1° Choro*, e também por Valmyr de Oliveira, no álbum *Trejeitos*, em 2010. Além de atuar em shows, essa trupe se apresentava em bares e praças de Montes Claros, conforme imagem a seguir.



Figura 14: *Grupo Tryuna* tocando na Praça da Matriz

Fonte: Acervo de Valmyr de Oliveira.

Os tempos eram de Ditadura. Ao rememorar esse período, Tico Lopes menciona que o regime imprimia um certo medo no meio musical e acrescenta que, participando de festivais da canção, muitas vezes, tinham que alterar as letras para driblar a censura. Numa ocasião, foi impedido, juntamente com os parceiros Bala Doce e Patão, de participar de um festival em Ouro Preto-MG, com a música intitulada *Pobre não pode estudar*, por esta ter sido censurada.

São muitas histórias vividas, que influenciaram e ainda influenciam o universo cultural da cidade de Montes Claros, incluindo, entre tantos nomes, os músicos do *Tryuna*. Entre os acontecimentos vividos, houve o convite de Tino Gomes ao *Tryuna* para acompanhá-lo no I Fucap, em 1976, e em alguns shows. No ano de 1978, Tino, sentindo falta de um nome que expressasse o diálogo do *Tryuna* com a cultura montes-clarense, sugere a mudança do nome do grupo para *Terno de São Benedito*, santo celebrado em Montes Claros – nas Festas de Agosto – pelo 1° Terno de Catopês, do qual Tino passou a fazer parte. Concluindo, o *Grupo Luanda*, que fazia trilhas sonoras no teatro, tornou-se *Grupo Tryuna*, que começou a acompanhar cantores e cantoras e, posteriormente, a convite de Tino Gomes, inicia uma jornada como *Terno de São Benedito*, acompanhando esse músico no seu trabalho autoral. Sobre esse grupo, *Terno de São Benedito*, dedica-se a seção seguinte.

Terno de São Benedito – na esteira de Tino Gomes

Seguindo a mesma proposta do *Grupo Tryuna*, o *Terno de São Benedito* se consolidou como um grupo de acompanhamento, com os músicos Valmir Melancolia (violão, viola e cavaquinho), Zé Arlen (bandolim, percussão, bateria), Joaquim Carlos (violino), Carlos Bonecão (bateria), Tico Lopes (percussão), Rafael Anderson (flauta) e Tião Andrade (baixo). Outros músicos participaram em alguns shows, como Cori Gonzaga (viola), Ci Baixinho (bateria e percussão), Ricardo Tonelli e Fernando Tonelli (violino).

Figura 15: Show do *Terno de São Benedito* em Sete Lagoas-MG (1980)



Fonte: Acervo de Tino Gomes.

Nessa Figura (15), com destaque para Tino Gomes, Valmir Melancolia e para Arlen Azevedo, percebe-se a diversidade na instrumentação do *Terno de São Benedito*: violão, craviola, bandolim, violinos, bateria, percussão, além da flauta, que não aparece na imagem. Esse registro é de um show realizado em Sete Lagoas-MG, em 1980.

Valmyr de Oliveira comenta que os shows eram articulados por Tino Gomes, devido à experiência consolidada no *Grupo Raízes* e pelas relações construídas em Belo Horizonte, o que permitia que o grupo se apresentasse diversas vezes na capital mineira. Numa dessas oportunidades, o *Terno de São Benedito* fez a abertura do show do já consagrado Ivan Lins, que notadamente apreciou a apresentação do grupo. A partir desse contato, Tino propôs a gravação do seu primeiro e único álbum com a participação do *Terno de São Benedito*.

Com o LP *Saudação* (1980), retratado na Figura 16, Tino Gomes dá início à sua carreira solo. O disco foi gravado na Bemol, em Belo Horizonte. Os arranjos de base ficaram por conta de Tino e do *Terno de São Benedito*, e os arranjos de cordas e regência ficaram sob a condução de Joaquim Carlos.



Figura 16: *Álbum Saudação* - Tino Gomes com o *Terno de São Benedito* (1980)

Fonte: Acervo próprio.

Esse trabalho não só teve a direção produtiva de Ivan Lins, como contou com a participação desse artista como parceiro de Tino, na música *Dezembro*, além de ter cantado e tocado piano elétrico em algumas faixas. O álbum está enraizado na cultura montes-clarense, com um *pot-pourri* de canções dos ternos de catopês, marujos e caboclinhos, bem como com a utilização de instrumentos como caixa de folia, viola caipira, pandeiros de catopê, rabeca, que estão associados ao regionalismo norte-mineiro. Isso tudo misturado com um toque de modernidade: piano elétrico, baixo, arranjos vocais e quarteto de cordas.

Nos shows do *Terno de São Benedito* ocorridos em Montes Claros, Valmyr de Oliveira relembra a coragem do grupo, ao enfrentar o árduo trabalho de produzir alguns eventos:

> A gente buscava patrocínio, no peito e na raça, ia nas lojas pedindo doação, contratava o som, fazia cartaz. Na época pra mandar imprimir foto, você tinha que mandar fazer o clichê, e só fazia em Belo Horizonte. Outro lugar que produzia, era na gráfica. Porém, eles não paravam porque ficavam por conta de matérias de jornal (Valmyr de Oliveira, 2020).

Uma das músicas gravadas no álbum *Saudação,* com Tino e o *Terno de São Benedito*, foi *Pra Jorge, um brasileiro* (Tino Gomes/Valmir Melancolia). Segundo Valmyr, essa canção participou de uma seleção para

trilha sonora de um seriado da Rede Globo de Televisão, chamado *Carga Pesada*, porém a música escolhida foi *Frete*, composta pelo músico Renato Teixeira. Vale ressaltar, também, que, nesse mesmo álbum, *Saudação*, Tino gravou, em parceria com Georgino Júnior, *Monstesclareou*, uma música, como mencionado anteriormente, que expressa representatividade para os montes-clarenses. Ela é sempre lembrada e veiculada, principalmente no período das Festas de Agosto desta cidade.

O álbum *Saudação* marca o início da frutífera parceria de Tino com Georgino Júnior, que compuseram, juntos, cinco faixas nesse trabalho. Essa combinação culminou no segundo álbum de Tino Gomes, intitulado *Gente festeira*, composto integralmente por essa dupla.

Mesmo com uma trajetória inscrita num período de autoritarismo do Regime Militar, todos os integrantes do grupo tinham uma ideologia que dialogava com a esquerda, com enfoque na liberdade de expressão. Nesse âmbito, Valmyr recorda que o repertório dos shows que o grupo realizava tinha que passar pelo crivo da Ordem dos Músicos do Brasil (OMB) de Montes Claros. Mas, ainda assim, para esse músico, "isso [a Ditadura] passou muito longe da gente, porque éramos crianças de 16, 17 anos, que faziam uma música regional, e que não tinha nada de conotação política".

A relação entre o *Terno de São Benedito* e Tino Gomes começa a se desfazer no decorrer da década de 1980. Valmyr de Oliveira percebe que, "em um certo momento as coisas foram acontecendo muito por ele mesmo [Tino], porque quem conseguia os shows era ele, já tinha o nome, que veio desde o *Grupo Raízes;* ele era o compositor da maioria das músicas". Assim, Tino Gomes deixa o *Terno*, para dar continuidade à sua carreira em Belo Horizonte. Para Tião Andrade (2020),

> Tino entrou numa outra fase – sem nenhuma crítica – em que ele poderia alçar voos maiores, então ele se deslocou, porque [...] teve uma produção bacana com o *Terno*, fazia muitos shows em Belo Horizonte. Eu acho que chegou o momento que ele sentiu necessidade de tirar o pé um pouco de Montes Claros.

Valmyr relata que, por volta de 1980, a formação do *Terno de São Benedito* foi se desfazendo, ficando uma parte do grupo – Tião, Valmyr, Zé

Arlen e Tico – que ainda fez algumas poucas apresentações e, em 1981, ingressou no *Grupo Folclórico Banzé*[20], o qual tinha o intuito de divulgar aspectos tradicionais da música e da dança do folclore brasileiro. Nesse novo grupo, muitas viagens vieram a acontecer, em diferentes estados brasileiros e, até mesmo, para o exterior, em países da Europa e dos Estados Unidos.

A seguir, duas letras de canções gravadas pelo *Terno de São Benedito*, no álbum *Saudação*, de Tino Gomes:

Pra Jorge, um brasileiro
(Tino Gomes/Valmir Melancolia)

Venho descendo serra
Passando ponte nesse temporal
Lama desgramada fica tão distante
Belo Horizonte capital de Minas
Lá onde os sinos dobram
Igrejas velhas, velhos castiçais
Fé iluminando e o povo rezando
E Belo Horizonte capital de Minas Gerais
Chego já raiando o dia
Junto com essa chuva que não para mais
Derrubando ponte
Derramando monte
Lavando o horizonte
Capital de Minas Gerais

[20] O *Grupo Folclórico Banzé*, inicialmente conhecido por Bandinha da Zezé [Colares], foi criado em 1968, resultado de uma pesquisa sobre o folclore brasileiro. Depois de se apresentar em Belo Horizonte, diante de uma grande repercussão, o grupo parafolclórico encontrou o caminho para o exterior. Aconteceram diversas viagens e participações em eventos, entre eles o Festival Internacional de Folclore de Minas Gerais, em que grupos de diversas localidades, do Brasil e do estrangeiro, interagiam, mostrando um pouco da cultura de cada lugar.

Montesclareou
Tino Gomes/Georgino Jr.)

Montes Claros, montesclareou
Meus olhos cegos de poeira e dor
Tudo é previsto pelos livros santos
Que só não falam que o sonho acabou
A marujada vem subindo a rua
Suores brilham nos rostos molhados
Agosto chega com a ventania
Cálice bento e abençoado
A dor do povo de São Benedito
No mastro existe para ser louvado
Louvado seja o Santo Rosário
Louvado seja poeira e dor
Louvado seja o sonho infinito
E mestre Zanza que é cantador

Grupo Céu e Terra – inaugurando o palco do Centro Cultural

Para a trajetória do *Grupo Céu e Terra*, conta-se com a colaboração de **Luciano Maciel** (2020)[21], um dos fundadores, e de seu irmão Eduardo Maciel (2026), a fim de se fazer um mergulho na história desse grupo.

LUCIANO MACIEL

Luciano Maciel: músico montes-clarense e um dos fundadores do *Grupo Céu e Terra*, em 1977. Atuou no grupo tocando violão e craviola de 12 cordas, além de ser compositor e vocalista. Participou do EP em 2021, juntamente com seu irmão Eduardo Maciel, quando gravaram canções do repertório do grupo.

[21] Luciano Maciel. Entrevista realizada em 09 de dezembro de 2020, por webconferência Google Meet. Montes Claros-MG.

Acerca da criação do grupo, Luciano recorda que:

> O *Grupo Céu e Terra* nasceu em janeiro de 1977. Eu e meu amigo, saudoso Wagner Durães, falecido. A gente estava cursando o ensino médio na Escola Normal, Colégio Estadual Professor Plínio Ribeiro, e participamos de um festival interno do colégio, no final de 1976. Eu tinha naquela época 16 anos de idade, participando do festival ali no colégio, a gente era colega de sala de aula, já tocando violão, fazendo as nossas músicas ali, e quando foi em janeiro de 1977, nós tomamos a iniciativa de montar o grupo *Céu e Terra* (Luciano Maciel, 2020).

Inspirado, também, pelo *Raízes* e pela agitação musical do momento, devido aos festivais da canção, o *Céu e Terra*, nos dois primeiros anos de formação, 1977-1978, dedicou-se a criar canções autorais e a participar de festivais em Montes Claros, em cidades vizinhas, como Curvelo e Corinto, e até mesmo em Sete Lagoas.

De acordo com Luciano Maciel, desde 1975, Montes Claros vivia uma intensa movimentação musical, e ele tocava e vivenciava a música junto com outros violonistas. Frequentando a região da rua Irmã Beata, teve contato com Floriano Melo Franco (*in memoriam)* e Cori Gonzaga (*in memoriam)*, uma turma que permitiu a ele conhecer "muito som de primeira qualidade", pelo qual foi influenciado.

Acerca da formação do *Céu e Terra*, o grupo era constituído por Luciano Maciel (violão e craviola de 12 cordas); Wagner Durães, conhecido por Waguinho (violão, craviola e, posteriormente, piano); Luís Porfírio (baixo elétrico); Chicão (multi-instrumentista) e Wanderdayk (flauta). Essa era a formação básica do grupo, que tinha no seu repertório influências da música regional, como o *Grupo Raízes*, *Quinteto violado*, *Banda de pau e corda*, além de Sá e Guarabyra, *Clube da Esquina* e o *Terço*.

Figura 17: Ensaio do *Grupo Céu e Terra*



Fonte: Acervo de Simone Durães (irmã de Waguinho).

A Figura 17 retrata um momento de ensaio do *Céu e Terra*, reunindo a sua formação original. Por valorizar e dedicar-se à elaboração dos arranjos, o grupo mantinha uma rotina de ensaios, que ocorriam na residência de Waguinho. Para Eduardo Maciel, o local tinha um clima favorável, o anfitrião era um dos fundadores do grupo, tinha entusiasmo com o desenvolvimento do grupo. Além disso, contavam com o apoio de Juvenal e Rosa Durães, pai e mãe de Waguinho, que opinavam nas composições e arranjos. Por fim, havia um piano na casa, instrumento essencial para o grupo.

De 1979 a 1981, o grupo iniciou uma produção de shows autorais no Centro Cultural, em seu auditório Cândido Canela, em Montes Claros. De acordo com Luciano Maciel, o *Grupo Céu e Terra* inaugurou o Centro Cultural, em 1979, com o show *Trem do sertão*; em 1980, já com a presença dos seus irmãos Eduardo Maciel e Luiz Cláudio Maciel, o grupo apresentou o show *Madrepérola* e, em janeiro de 1981, foi a vez do show *Serra do Curral* e, ainda, nesse mesmo ano, do show *Leve-me*.



Figura 18: Show do *Céu e Terra* no Centro Cultural (1981)

Fonte: Acervo de Luciano Maciel.

A imagem (Figura 18) é um registro de um dos shows do *Céu e Terra* (1981) no Centro Cultural. Nas apresentações o teatro estava sempre repleto, com um público atento à performance do grupo. Pode-se considerar que se trata, também, de um grupo vocal, partindo do pressuposto de que o *Céu e Terra* prezava pelos vocais. Nessa figura (18) são três vocalistas: Eduardo Maciel, à esquerda; Maria Emília, ao centro (convidada do Celf), e, à direita, Luciano Maciel.

Diante das suas participações em festivais, em 1981, o grupo conquistou o primeiro lugar no III Festival Universitário da Canção Popular (Fucap), com a música *Leve-me*, de Eduardo Maciel. Segundo esse compositor, o destaque foi para o arranjo vocal, composto por diversas vozes femininas, detalhe que sofisticou a canção.

Em virtude dessa conquista no Fucap, o *Céu e Terra* participou do Festival Cantares, em Belo Horizonte, no ano de 1982. O evento reunia músicas vencedoras de festivais universitários regionais de Minas Gerais e, na oportunidade, a música *Leve-me* foi premiada com a 5ª colocação.

Para **Eduardo Maciel** (2026)[22], ficou marcada a viagem de ida e volta, de trem de ferro, para a capital mineira, que permitiu uma maior convivência entre os músicos, além de uma ampla sintonia musical, a partir da cantoria regada a músicas de Sá e Guarabira, *Banda de pau e corda*, *Clube da Esquina*, entre outras.

EDUARDO MACIEL

natural de Montes Claros, Eduardo, irmão de Luciano Maciel, ingressou no Céu e Terra por volta de 1980, fazendo parte da sua segunda formação. No grupo, atuou tocando violão e como compositor e vocalista.

Nas temporadas de shows implementados pelo *Céu e Terra*, além dos músicos que seriam a base do grupo, havia participações de alunos de flauta, violino e violoncelo do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez, que contribuíam na elaboração e execução dos arranjos.



Figura 19: Wagner Durães (*in memoriam*) no piano (1981)

Fonte: Acervo de Luciano Maciel.

[22] Eduardo Maciel. Informações concedidas em entrevista por meio do aplicativo Whatsapp, em 29 de abril de 2026.

Tendo Waguinho como pianista (Figura 19) em um show no Centro Cultural, em 1981, o *Céu e Terra* se diferenciava da maioria dos grupos, sendo o único a utilizar o piano em sua instrumentação, demonstrando um caminho alternativo na construção dos arranjos e do acompanhamento, ultrapassando a fronteira do regionalismo norte-mineiro. Julga-se que a influência do *Clube da Esquina* e do *Terço*, mencionada por Luciano Maciel, tenha favorecido a introdução desse instrumento no grupo.

Com o falecimento precoce e lamentável de um dos idealizadores do grupo, Waguinho, em março de 1981, o grupo perdeu o estímulo. Como relata Luciano Maciel: "tivemos uma sequência depois, com o grupo *Céu e Terra* participando ainda de festival, fazendo show, tocando, mas houve uma tendência de dispersão, e a história do grupo se desfez naqueles anos de 1981, 1982".

Durante a sua história, o *Céu e Terra* não gravou nenhum álbum, mas alguns shows estão registrados em fitas cassetes. Luciano Maciel comenta que, posteriormente, Chico Alves (Chicão) e Eduardo Maciel gravaram, em seus discos solos, algumas composições que o grupo executava.

Em setembro de 2021, conforme a Figura 20, a seguir, o músico Eduardo Maciel e seu irmão Luciano Maciel reviveram o grupo, gravando um EP (*Extended Play)* com quatro canções que faziam parte do repertório dos shows do *Céu e Terra*, que são: *Lua* (Luiz Cláudio Maciel), *Terra de um lugar* (Chico Terra), *Lua clara* (Wagner Durães) e *Ponteio da viola* (Luciano Maciel).



Figura 20: Capa do EP – Eduardo Maciel e Luciano Maciel

Fonte: Acervo de Eduardo Maciel.

Conforme Eduardo Maciel, o EP[23] teve como arranjador o músico Beto Lopes, que contribuiu, também, tocando violão, baixo, guitarra e trompete. Embora a gravação tenha sido feita com novos músicos, Luciano e Eduardo prezaram pelos arranjos originais que eram executados nos shows de outrora. Esse trabalho é marcado por baladas, ficando evidente a influência do *Clube da Esquina*.

A seguir, algumas letras de músicas cantadas pelo *Céu e Terra*:

[23] Os fonogramas estão disponíveis no Spotify, no link: https://open.spotify.com/intl-pt/album/1rPz7r5DWwWU6lhN2iyRx1.

Serra do Curral
(Luciano Maciel)

Quando me vi pela manhã
A brisa o som o sol a paz
Essa saudade que me faz
Lembrar de alguma coisa vã
Não sei se lembro do luar
Das serenatas que eu já fiz
A turma o gole o violão
E uma morena que me quis
Será o menino que já fui
Ser livre é o meu ideal
De pés no chão a procurar
O rumo certo pra seguir
Esse meu canto natural
Que eu aprendi
Mas longe, muito longe, bem além
Da Serra do Curral do curral Del Rey
Se alguém não quiser ouvir meu canto
Diga logo diga agora que eu pego a viola
Digo adeus e vou me embora
Vou pro meu sertão
Vou cantar para o meu povo
Que não faz tal repressão

Leve-me
(Eduardo Maciel)

Leve-me até o azul bem celestial
Pra sentir a sua cor
E tingir todo meu ser
Viajante solto no ar
Vivo mais perto do céu

Serei amigo do sol
E só na luz
Ser andarilho
Caminharei em seus raios
Como o seu rei
Um girassol florescer

Que seja um dia por vez
Meu canto me faz viver
Ao nascer essa canção
Explode em mim independência

Leve-me, leve-me, leve-me...

Grupo Agreste – “a gente respirava música [...] queria produzir”

Manoelito foi o representante do *Grupo Agreste* com o qual se pôde registrar algumas passagens históricas do grupo. A entrevista foi realizada em sua residência, em 4 de dezembro de 2020. Em 1º de maio de 2026, em conversa com Pedro Boi, novas passagens do grupo vieram somar-se a este texto.

Em um contexto musical efervescente em Montes Claros, principalmente pelo Festival Universitário da Canção Popular (Fucap), mais um grupo é gestado. José Manoel Xavier Souto, conhecido artisticamente por **Manoelito** (2020)[24], afirma que alguns músicos se reuniram em sua residência, no dia 8 de janeiro de 1978, após o Fucap, com a intenção de criar o *Grupo Agreste*, nome inspirado no livro *Tieta do Agreste* (Jorge Amado), uma sugestão de Ildeu Braúna (*in memoriam*). Há um desencontro de informações referentes ao ano de criação do grupo, já que, na contracapa do segundo álbum gravado, a data mencionada é 7 de janeiro de 1977.

MANOELITO XAVIER

nasceu na cidade de Francisco Sá-MG. No *Agreste*, participou da gravação dos dois álbuns do grupo, atuando como compositor, cantor e percussionista.

Nesse primeiro encontro, onde foi idealizado o grupo, estavam presentes Pedro Boi, Alexandre Toledo (Gútia), Ildeu Braúna, Sérgio Damasceno, Josecé Santos e o anfitrião Manoelito. Devido a um desentendimento ocorrido entre Pedro e Josecé, este último deixou o grupo, ainda em sua fase de constituição. Segundo Manoelito, essa informação não é consensual, pois Josecé entende que integrou o grupo.

Em cordel intitulado *Grupo Agreste: a verdadeira história* [s.d.], Josecé Santos afirma sua participação no grupo, formado por repentistas,

[24] José Manoel Xavier Souto (Manoelito). Entrevista de pesquisa concedida em 4 de dezembro de 2020, em sua residência, Montes Claros-MG.

e, além dos músicos já mencionados por Manoelito, acrescenta, na formação, a cantora Mirone. Josecé relata ainda que os primeiros instrumentos do grupo foram adquiridos por ele, os quais eram: um timbal, um violão e um chocalho.

Conforme Manoelito, o grupo foi formado, inicialmente, contando com a participação de Pedro Boi (violão, viola e voz), Braúna (percussão), Sérgio Damasceno (flauta), Gútia (violão, viola e voz), Manoelito (percussão e voz) e Fatel (voz). Posteriormente, ocorreu a saída de Fatel e o ingresso de Tom Andrade (violão e voz) e de Zé Chorró (baixo elétrico). Pode-se pensar que, ao listar os integrantes do *Grupo Agreste* e não incluir o nome de Josecé em sua composição, Manoelito se atenha ao fato de que esse músico tenha participado das primeiras reuniões, mas não tenha chegado a estar nas apresentações públicas e nas gravações.

Ultrapassando esses dissensos sobre a formação do *Grupo Agreste*, Montes Claros vivia um momento mágico, com a repercussão do *Grupo Raízes* para além das fronteiras do Município, pelos shows que realizava no Norte de Minas. Segundo Manoelito, quando o *Agreste* foi formado, não havia ainda um repertório próprio, o que fez com que eles tocassem canções de artistas já consagrados no cenário musical, com quem – diante do que o *Agreste* propunha – partilhavam da mesma sonoridade, sendo estes os grupos *Raízes*, *Banda de pau e corda* e *Quinteto violado*. Para o músico, esses grupos foram a principal inspiração para as composições autorais que foram se constituindo e criando um acervo de canções que estão na memória de muitos norte-mineiros e na história do Norte de Minas.

Por esse depoimento, constata-se o fato de o *Grupo Agreste* cantar o *Raízes* no início da carreira. A partir da narrativa de Manoelito, percebe-se o motivo de uma parcela do público montes-clarense confundir a autoria, entrelaçar referências e considerar que a canção *De trem pra Montes Claros*, de Charlie e Faiçal (*Grupo Raízes*), assim como outras, seja de autoria do *Agreste*. Por diversas vezes, trabalhando nos bares de Montes Claros, com "música ao vivo", este autor recebeu pedidos para tocar músicas do *Raízes*, porém a autoria indicada não correspondia ao referido grupo.

No ano de 1979, tendo produzido diversas canções autorais, o *Grupo*

Agreste realiza uma apresentação no Centro Cultural de Montes Claros. Segundo **Pedro Boi** (2026)[25], era uma ocasião em que o grupo pretendia alinhar ideias divergentes entre os membros e dar continuidade à trajetória musical em prol do sucesso, por isso o show foi intitulado *Divisor de águas*. O concerto de estreia foi realizado numa quinta-feira, 13 de setembro de 1979, exclusivamente para a imprensa. As demais apresentações foram realizadas de sexta a domingo, para o público geral, sendo registrada lotação máxima todos os dias.

PEDRO BOI

natural de Ibiracatu, município do Norte de Minas. Integrante do Grupo Agreste, participou como compositor, violonista e vocalista.

Descoberto e apadrinhado pelo produtor e compositor Téo Azevedo[26], o grupo *Agreste* conseguiu, por meio dele, gravar dois álbuns em São Paulo. De acordo com Manoelito, o grupo enviava o repertório, com diversas músicas, para o padrinho escolher as que seriam gravadas. Em 1980, Téo apresentou o grupo para a Bandeirantes Discos, "que não hesitou em gravar o seu primeiro LP, intitulado *Grupo Agreste*, do qual foram extraídas duas músicas – *Zumbi* e *Jaíba* – para compor a trilha sonora da novela *Rosa Baiana*"[27] (Agreste, 1982).

A Figura 21, a seguir, apresenta a imagem da capa do primeiro álbum do grupo, de 1980, intitulado *Grupo Agreste*, com os músicos, da esquerda para a direita: Zé Chorró, Pedro Boi, Tom Andrade, Manoelito, Sérgio Damasceno, Gútia e Ildeu Braúna. O *Grupo Agreste* demonstra a sua simplicidade e a do sertanejo norte-mineiro, expressa em suas canções. Nessa

[25] Pedro Raimundo dos Reis (Pedro Boi). Informações obtidas em sua residência, no dia 1° de maio de 2026.

[26] Téo Azevedo (1943-2024) foi um músico compositor, violeiro e produtor cultural nascido em Alto Belo, distrito de Bocaiuva-MG. Morando em Montes Claros, criou, em 1980, junto com outros artistas, a Associação de Repentistas e Poetas Populares do Norte de Minas (ARPPNM). Morando em São Paulo, participou de diversos programas de televisão, divulgando a sua música e um pouco da cultura do sertão mineiro. Na capital paulista, conseguiu estreitar laços com gravadoras, o que permitiu produzir o trabalho artístico de vários músicos e grupos do Norte de Minas.

[27] Novela escrita por Lauro César Muniz, produzida e transmitida pela TV Bandeirantes, em 1981.

imagem, os músicos se encontram descontraídos, numa manga (pastagem) conhecida por “Bois”, no bairro Vila Brasília, em Montes Claros.



Figura 21: Imagem da Capa do álbum *Grupo Agreste* (1980)

Fonte: Acervo de Manoelito Xavier.

O álbum *Grupo Agreste* é um marco para a música regional norte-mineira, sendo o motivo da projeção do grupo nacionalmente, reafirmando a sonoridade e identidade da música e da cultura do sertão mineiro. Nesse álbum foram gravadas onze canções, destacando-se *Zumbi* e *Jaíba*, que foram veiculadas nacionalmente, como mencionado anteriormente. Vale ressaltar, também, a música *Calix Bento*, que é a faixa de abertura do álbum, um clássico da cultura popular do Norte de Minas, que teve uma adaptação do músico, violeiro e produtor musical Téo Azevedo. Essa canção é muito popular nas Folias de Reis da região e, nessa gravação, o *Agreste* manteve a instrumentação típica: viola, caixa de folia e pandeiro. O coro foi arranjado com diversos cantores, inclusive com a requinta, executada por Manoelito, que é a voz mais aguda, dando à canção um caráter regional.

Ainda acerca do primeiro álbum, vale ressaltar que a música *Bandeira boiadeira*, de Gútia e Braúna, foi regravada por Sérgio Reis, a pedido de Téo Azevedo, que se incluiu na parceria a partir dessa gravação. A canção foi gravada em 1996, no álbum intitulado *Boiadeiro*. Nesse disco, a música levou o nome de *Tocador de boi*, mas a melodia e a letra foram preservadas como na gravação original do *Agreste*.

O segundo e último álbum, gravado no mês de setembro de 1982, leva o nome de uma das faixas, *Chegança*, composta por Gútia. Esse disco foi dedicado ao Norte de Minas e ao jornalista Carlos Felipe, do jornal Estado de Minas (Agreste, 1982). Nesse novo trabalho, o *Agreste* contou com a participação de mais um integrante, Wanderdaik (Daik), que participou tocando flauta. Segundo Manoelito, chovia muito em São Paulo durante o período em que estavam gravando e, consequentemente, o grupo teve que ficar mais tempo do que o previsto, até finalizar o trabalho no estúdio.

Como o grupo já tinha criado uma identidade própria, as canções apontavam para a cultura do povo norte-mineiro, seus costumes e hábitos, seus conflitos e lugares. O grupo reafirma o seu olhar para as manifestações culturais desse lugar, a partir da capa do seu segundo álbum (Figura 22). Nessa imagem, uma procissão e preces a São Sebastião pela "terminação" da seca, em Montes Claros, no ano de 1974.



Figura 22: Capa do álbum *Chegança* do *Grupo Agreste* (1982)

Fonte: Acervo de Manoelito Xavier.

No *Chegança*, assim como no primeiro álbum, foram gravadas 11 faixas. Destacam-se algumas músicas que ultrapassaram a fronteira do *Agreste* e foram regravadas por outros artistas, a começar por *Quebra de milho*, parceria de Manoelito e Tom Andrade, música que nos conecta com as quadrilhas do mês de junho, manifestação muito comum em Montes Claros.

Essa canção foi regravada por Pena Branca & Xavantinho e Renato Teixeira, em 1992, durante um show ao vivo, em Tatuí, São Paulo, e passou a fazer parte do álbum *Ao vivo em Tatuí*. De *Cantiga de roda* também foram feitas releituras para além do grupo, a exemplo de Décio Marques, Efrahim Maia e Victor Batista.

Também compõem o segundo álbum: *Cachoeirinha* (Pedro Boi/Braúna), *Rasante* (Sérgio Damasceno/Braúna), *A lenda do arco-íris* (Pedro Boi/Braúna) *e Ave de arribação*, entre outras que são muito apreciadas pelo público norte-mineiro.

Os integrantes do grupo eram, na maioria, universitários. Manoelito e Tom Andrade trabalhavam em jornais de Montes Claros, e os próprios elaboravam as matérias acerca do *Agreste*, fato que contribuiu para a propagação do nome, dos shows e da visibilidade do grupo.

Um aspecto a se destacar, nessa turma, é a participação de todos os músicos na criação das composições. Há uma parceria, que já era consolidada mesmo antes da formação do *Agreste*, com Pedro Boi/Braúna, e as que se iniciaram a partir da constituição do grupo, que se mostra muito abrangente, com Manoelito/Tom Andrade, Gútia/Braúna, Sérgio Damasceno/Gútia, Pedro Boi/Gútia/Manoelito, Sérgio Damasceno/Braúna, prevalecendo como letristas Manoelito e Braúna.

A música produzida pelo *Agreste* era tida como regional, mas, para Manoelito, havia "traços" da MPB, pois todos eles ouviam as músicas de Caetano Veloso, Chico Buarque, *Clube da Esquina*, entre outros, propagadas nos meios de comunicação. Ainda, para o letrista do *Agreste*, no próprio grupo, havia uma mescla de músicos que tendiam para a música urbana[28] e outros para a regional. Assim, havia uma junção de estilos diferentes, proporcionando uma sonoridade considerada singular.

Dentre as várias bandeiras expressas no canto do *Agreste*, há a do povo "pacato" e injustiçado do sertão mineiro. Como a história do grupo

[28] A música urbana é aquela produzida e propagada no meio urbano. No caso das canções, a temática tem enfoque nos acontecimentos do contexto urbano. Exemplos: bossa nova, a música do *Clube da Esquina*, o rock nacional brasileiro, baião etc.

se insere no período da Ditadura, duas músicas fizeram com que Manoelito e Braúna fossem prestar esclarecimentos sobre o contexto das letras para a Polícia Civil de Montes Claros: *Jaíba* e *Cachoeirinha*. As músicas retratavam a questão de posse de terras (os "papa terra") no Norte de Minas, mas a verdade não foi relatada diante das autoridades; os músicos omitiram a realidade e continuaram executando as canções da maneira como foram compostas.

O grupo, enquanto exercia suas atividades, apresentou-se em Montes Claros – no auditório Cândido Canela (Centro Cultural); no Fucap, abrindo os shows do *14 Bis* e de Luiz Gonzaga; nas cidades da região, como Coração de Jesus, Francisco Sá, Salinas e São Francisco, além de apresentar a música do sertão mineiro na capital, Belo Horizonte, e em Juiz de Fora. Em programa de televisão, o *Agreste* participou do Som Brasil, apresentado por Rolando Boldrim, na TV Globo.

Em 1982, os integrantes do *Grupo Agreste* interrompem o trabalho musical, deixando por conta dos apreciadores a repercussão das canções e da história construída. Ainda hoje, o repertório do grupo é tocado em Montes Claros, nos espaços onde a música soa. Para Manoelito, o grupo tinha alcançado o seu objetivo, a música do *Agreste* era cantada no Norte de Minas, e aquele momento era de alçar voos distantes. Assim, chegaram a pensar numa mudança para São Paulo, mas, como parte do grupo já tinha constituído família e se envolvido com outros trabalhos, além da música, a ideia não foi adiante. Importante apontar que todos os músicos do *Agreste*, durante a sua trajetória, tinham outras profissões, conforme afirma Manoelito: "a gente respirava música, apesar de não viver da música. A gente queria fazer, queria produzir".

Na tentativa de voltar ao cenário musical, numa sexta-feira, 13 de agosto de 1999, o *Grupo Agreste* fez um compilado de sua obra, inserindo, no CD intitulado *Agreste 20 anos depois*, as canções gravadas no primeiro e no segundo álbum, somando o total de 22 faixas. O evento de lançamento aconteceu no Automóvel Clube de Montes Claros, contando com a participação de personagens da cultura montes-clarense, que deram testemunhos acerca da importância do retorno do grupo, entre os quais destacam-se: Charlie Boavista, Amelina Chaves, Téo Azevedo, Maristela Cardoso, Ivonne

Silveira. Durante o evento, não houve show, apenas vendas de CDs, que, segundo Manoelito, superaram a expectativa do grupo.

Contudo, mesmo com o sucesso nas vendas de CDs durante o referido evento e o aguardado retorno do *Agreste* no cenário musical, tão esperado pelos apreciadores da sua música, sua volta não se concretizou. O álbum encontra-se disponível nas plataformas de *streaming*.

Concluindo, pode-se considerar que a trajetória do *Agreste* demonstra um conflito estrutural entre a vocação musical e as demandas profissionais externas de seus integrantes. Desde o início da história do grupo, fica evidente a dificuldade de conciliação entre a música e as carreiras profissionais. O show *Divisor de águas*, que tinha o intuito de renovação, um ano após ser criado, demonstrava o esforço para equalizar questões internas que se apresentavam. Essas questões, no entanto, tornaram-se insustentáveis, pois o segundo LP, gravado em 1982, coincide com o ano de encerramento das atividades do *Agreste*. Houve a impossibilidade de alguns músicos se desvincularem de suas profissões primárias, deixando a música em segundo plano. Isso nos leva a crer que a música não estava sendo rentável suficientemente, a ponto de permitir que os componentes do *Agreste* a assumissem, de fato.

A seguir, serão apresentadas duas letras de canções gravadas pelo *Grupo Agreste*, que, assim como outras, são apreciadas pelo povo do sertão mineiro:

Quebra de milho
(Manoelito/Tom Andrade)

Mês de agosto é tempo de queimada
Vou lá pra roça preparar o aceiro
Faísca pula como burro brabo
E faz estrada lá na capoeira

A terra é mãe, isso não é segredo
O que se planta esse chão nos dá
Uma promessa a São Miguel Arcanjo
Pra mandar chuva pro milho brotar...

Passou setembro, outubro já chegou
Já vejo o milho brotando no chão
Tapando a terra feito manto verde
Pra esperança do meu coração

Mês de dezembro vem as boas novas
A roça toda já se embonecou
Uma oração agradecendo a Deus
E comer o fruto que já madurou...

Mês de janeiro, comer milho assado
Mingau e angu no mês de fevereiro
Na palha verde enrolar pamonha
E comer cuscuz durante o ano inteiro

Quando é chegado o tempo da colheita
Quebra de milho, grande mutirão
A vida veste sua roupa nova
Pra ir no baile lá no casarão...

Zumbi
(Pedro Boi/Braúna)

No sacolejo do navio que cheguei aqui
Meio vivo meio morto foi que eu senti
O meu corpo lá jogado na pedra do porto
Meio vivo meio morto mas não desisti

Pois quem nasceu pra ser guerreiro
Não aceita cativeiro, por isso que decidi

Enquanto o eco dos tambores ressoar nos ares
Correndo na mata virgem, vou fundar Palmares

Pois quem nasceu pra ser guerreiro
Não aceita cativeiro por isso que decidi

A sua chibata por mais que me bata
O meu corpo maltrata eu vou resistir

A sua chibata por mais que me bata
Se não me mata eu volto a fugir

Oh negô olê, olê zumbi
Oh negô olê, capitão do mato vem aí

Oh negô olê, olê zumbi
Oh negô olê, capitão do mato vem aí

Grupo Aroeira – momentos de prazer sonoro com Zé Côco do Riachão

As informações sobre o *Grupo Aroeira* advêm de uma entrevista concedida por **Josecé Santos** (2020)[29], em 29 de novembro de 2020, em sua residência.

JOSECÉ SANTOS

natural de Juazeiro-BA, há décadas mora em Montes Claros-MG. Josecé foi o mentor do *Grupo Aroeira*, criado em 1978, e contribuiu com o grupo como compositor e violonista.

[29] Josecé Alves dos Santos (Josecé Santos). Entrevista de pesquisa concedida em 29 de novembro de 2020, em sua residência, em Montes Claros-MG.

Fundador do grupo e um ativista nos movimentos culturais de Montes Claros, Josecé construiu sua trajetória fomentando a música regional. Enquanto diretor cultural do Diretório Central dos Estudantes Universitários de Montes Claros, participou da coordenação do Fucap, foi responsável pela produção musical de álbuns como *Nossa arte, nossa gente*, valorizando a música autoral produzida em Montes Claros, além de ser fundador da Associação dos Artistas do Norte de Minas – Asanorte.

Deixando de lado o contratempo já relatado acerca da fundação do *Grupo Agreste*, Josecé Santos, em 1978, partiu para criar um novo grupo, ampliando ainda mais a cena musical de Montes Claros. O *Aroeira*, como os demais grupos já instalados em Montes Claros, apresenta uma formação que valoriza o canto, e sua instrumentação segue a composição característica da música regional norte-mineira da época. Embora a trupe tenha tido outros integrantes, na sua fase mais produtiva, houve a participação dos irmãos Denizar Mota (violão/viola/voz/arranjos), Délio Mota (violão), Dawdson Mota (violão) e Marina Mota (voz), além de Helder (viola), Eugênio (percussão), Wandayk (violão) e Josecé Santos (violão/voz).

Seguindo a esteira dos outros grupos de Montes Claros, o *Aroeira* também foi influenciado pelo *Grupo Raízes* e pela *Banda de pau e corda*. Em referência ao grupo de Recife, a inspiração ultrapassou o campo da música, criando uma estreita relação de amizade entre Josecé e Sérgio Andrade, fundador da *Banda de pau e corda*. Acerca do conteúdo das letras do *Aroeira*, Josecé Santos comenta que “a temática era mesmo o regionalismo puro, aquele amor à terra, cantavam as coisas nossas do sertão, da viola, do boiadeiro”.

O grupo atuava com apresentações em aniversários, bares, festivais, na Exposição Agropecuária de Montes Claros. Para Josecé Santos, um dos momentos marcantes na trajetória do *Aroeira* ocorreu durante sua memorável participação no programa de entretenimento da Rede Globo de Televisão, o

Fantástico. Na ocasião, seus integrantes acompanharam o renomado instrumentista Zé Côco do Riachão[30].

O grupo tinha como principal arranjador o músico Denizar Mota que, como retrata a Figura 23, a seguir, aparece tocando violão e acompanhando os cantores durante um ensaio. O *Aroeira* também se apresentava como um grupo vocal; esse fato fica evidente na imagem, em que todos do quarteto – Marina, Josecé, Denizar e Dawdson – integram-se ao canto.



Figura 23: Momento de ensaio do *Aroeira*: afinando o vocal

Fonte: Acervo de Josecé Santos.

Outro acontecimento que ficou marcado na história do grupo foi o festival da canção de Pirapora-MG, ocorrido no Cine Vitória, quando o *Aroeira* conquistou o primeiro lugar, concorrendo com compositores como Marku Ribas e Aroldo Assunção. A música premiada nesse festival foi *O Gaiola*, de autoria de Josecé.

A respeito de festivais da canção, o idealizador do *Aroeira* acredita que o Festival Universitário da Canção (Fucap), do qual participou como coordenador nos anos iniciais, tenha sido um lugar importante para a esfera

[30] José dos Reis Barbosa dos Santos, conhecido por Zé Côco do Riachão, nasceu em 1912, em Brasília de Minas, no Norte de Minas Gerais, e viveu parte da sua vida no povoado de Riachão. Zé Côco era participante fiel da Folia de Reis. O instrumento com o qual tornou-se conhecido foi a rabeca, mas também tocava o acordeom, viola, violão, cavaquinho e outros; era autodidata. Esse músico tornou-se conhecido nacionalmente depois dos 70 anos, sendo chamado de “Beethoven do Sertão”.

cultural de Montes Claros, constituindo-se num espaço que contribuiu para a formação de uma nova geração de músicos nessa cidade.

No ano de 2010, Josecé Santos conseguiu realizar o seu sonho: tocar a canção premiada no festival de Pirapora de dentro do barco a vapor conhecido por Benjamim Guimarães, apelidado por *Gaiola*, o qual inspirou essa composição. A embarcação "...sai de Pirapora, seu destino é Juazeiro da Bahia", como canta Josecé, e essa letra expressa, com muita poesia e nostalgia, algo sobre as cidades por onde passa o *Gaiola*: São Francisco, Januária, Carinhanha, Sobradinho, Petrolina, entre outras. Além disso, a letra vai dialogando com a identidade dos lugares por onde vai passando. Durante o canto, a palavra "capoeira" é entoada com frequência, no final de alguns versos, o que não é casual: segundo Josecé, trata-se de uma homenagem aos capoeiristas baianos, fruto da forte convivência que teve com eles enquanto estudava na Bahia.

Ainda sobre a música *O Gaiola*, mesmo que, em sua trajetória, o *Aroeira* não tenha gravado nenhum álbum, em 2023, o grupo produziu um *single* dessa música, responsável por dar maior visibilidade ao grupo e ao compositor Josecé Santos. O áudio referente a esse single pode ser encontrado no *YouTube.*

Entretanto, antes mesmo desse registro, ainda em 2010, *O Gaiola* teve arranjo e gravação do belo-horizontino Marcus Viana, tornando-se uma das faixas do CD *Velho Chico – 500 anos*. Em 2021, o carioca – adotado por Minas – Ivinho Loppes produziu um vídeo em homenagem ao Rio São Francisco, a partir de *O Gaiola*. Por fim, em 2022, foi a vez de Tom Andrade (ex-*Grupo Agreste*) e, nesse mesmo ano, do violonista Félix Júnior, piraporense que fez uma releitura dessa canção em instrumental, no seu álbum *Chão de Minas*.

Seguindo a trilha dos outros grupos que foram formados em Montes Claros, em meados da década de 1970 e início de 1980, o *Aroeira* também saiu de cena, em 1982. Quanto ao término do grupo, Josecé Santos diz que "o *Aroeira* foi muito tranquilo nesse sentido e acabou, com o próprio tempo. Cada qual foi pegar o seu destino".

No período produtivo, o sonho do grupo era gravar um álbum com as canções autorais, para poder conectar-se profundamente com o público, por meio das letras e melodias, estreitando, assim, o laço com os fãs. Acredita-se, ainda, na possibilidade de levar a identidade musical do grupo a novos horizontes. Hoje esse sonho tem ganhado vida, já que os músicos que originaram o *Agreste* se reuniram e gravaram, de 2024 para cá, diversas canções que marcaram sua trajetória. O projeto está em fase de finalização, em 2026, recebendo os ajustes necessários para o lançamento oficial nas plataformas de *streaming*.



Figura 24: Reencontro do *Grupo Aroeira*

Fonte: Acervo de Josecé Santos.

Essa imagem (Figura 24) apresenta o reencontro da turma do *Aroeira,* em busca desse novo sonho. Na imagem os integrantes ensaiam, revivendo o passado, para trazer ao presente a história musical que o grupo vivera outrora. Da esquerda para a direita, estão retratados os irmãos Marina e Denizar Mota, Alex Tuta (ao fundo), Délio Mota, Eudes Magalhães, Josecé Santos e Wandaik Santos (ao violão).

A seguir, a letra da música *O Gaiola*:

O Gaiola
(Josecé Santos)

Hei, lá vai o Gaiola
Carregando em sua bagagem
Esperança e nostalgia
Sai de Pirapora
Seu destino é juazeiro da Bahia

Sai do porto devagar capoeira, capoeira
Pra saudade aumentar capoeira, capoeira
Leva seu João e Maria junto com a mercadoria
Que vai para o Ceará

São Francisco e Januária capoeira, capoeira
Das cachaças que eu bebia capoeira, capoeira
Paro um pouco em Carinhanha
Onde pesco uma piranha
Pra ajudar a passar o dia
Da viagem tão alegre que termina na Bahia

Cheguei em Bom Jesus da Lapa capoeira, capoeira
Onde assisto romaria capoeira, capoeira
Xique-xique, Boa Barra
Lá meu coração se amarra na filha do Major Dias

E de Barra a Sobradinho capoeira, capoeira
Eu aprendi a navegar capoeira, capoeira
Das águas de Petrolina eu revejo a paisagem
Que me fez apaixonar

Reconstituição histórica dos grupos

O *Grupo Raízes* iniciou sua história em São Paulo, em 1973, tendo, entre seus componentes, músicos com estreito laço com a cultura norte-mineira e, principalmente, com Montes Claros. O som produzido pelo *Raízes* ecoou por este lado, estimulando a criação de alguns grupos que o tiveram como inspiração.

Em Montes Claros, os grupos *Céu e Terra*, *Tryuna*, *Terno de São Bendito*, *Agreste* e *Aroeira*, assim como o *Grupo Raízes*, traziam, no canto, uma bandeira em que predominava a cultura do sertão mineiro. Na formação instrumental, o violão, a viola e a percussão são marcantes nesses grupos, fazendo um elo com as manifestações tradicionais de Montes Claros, como os ternos do congado, a folia e a seresta, que também utilizam esses instrumentos.

Torna-se evidente a identificação da música norte-mineira com o Nordeste Brasileiro, quando integrantes dos grupos pesquisados afirmam ter como principais influências dois grupos nordestinos, a *Banda de pau e corda* e o *Quinteto violado*. Essa relação foi apontada por Pereira (2007), no início deste livro, quanto aos costumes dos dois lugares.

Esse movimento memorável se estabeleceu até o início da década de 1980. Nesse período, percebe-se, no Brasil, uma nova paisagem musical, determinada pela indústria fonográfica, que começa a dar uma maior visibilidade ao *rock* nacional, impulsionado pelo *Rock in* Rio, além do destaque para a música sertaneja, que começa a conquistar a audiência nas rádios e se faz muito presente nas emissoras de televisão. A mudança no cenário musical brasileiro reflete-se no contexto local, quando se percebe o desfecho dos grupos musicais de Montes Claros.

Logo na sequência, um quadro-síntese (Quadro 1) apresenta um panorama da história desses grupos montes-clarenses. Neste quadro, destacam-se algumas informações para a composição desse resumo. A intenção era inserir os músicos que compuseram cada grupo, nome dos álbuns gravados e as canções mais relevantes, porém isso desconfiguraria o quadro, em sua essência.

Quadro 1: A cena musical de Montes Claros nas décadas de 1970 e 1980

	GRUPO RAÍZES	TRYUNA	GRUPO CÉU E TERRA	GRUPO AGRESTE	TERNO DE SÃO BENEDITO	GRUPO AROEIRA
FUNDAÇÃO	1973	1975	1977	1978	1978	1978
ORIGEM	São Paulo	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros	Montes Claros
ATUAÇÃO	SP, RJ, MG	Montes Claros	MG	SP, MG	MG	Montes Claros e região
PRODUÇÃO	Autoral	Banda de apoio	Autoral	Autoral	Banda de apoio	Autoral
INFLUÊNCIAS	Quinteto Violado / Banda de Pau e Corda	Grupo Raízes / MPB	Grupo Raízes / Sá e Guarabyra	Grupo Raízes / Banda de Pau e Corda	Grupo Raízes / MPB	Quinteto Violado / Banda de Pau e Corda
ÁLBUM	5	-	-	3	-	-
TÉRMINO	1983	1978	1981/1982	1982	1982	1982

Fonte: Elaboração própria.

03 | O LEGADO DO CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA LORENZO FERNÂNDEZ

A contribuição do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez no cenário musical

O Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez foi fundado em 1961, tendo como mentora D. Marina Helena Lorenzo Fernândez. A instituição está vinculada à Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais, portanto uma escola pública que oferta o ensino de música e outras artes gratuitamente ao Município e região. O Conservatório, mais que formar músicos, atua efetivamente para o desenvolvimento cultural de Montes Claros e do Norte de Minas, assumindo essa característica desde a sua fundação.



Figura 25: Primeira sede do Conservatório

Fonte: Acervo do Celf.

Nas décadas de 1970 e 1980, o Conservatório tornou-se o ponto de encontro de músicos, onde se conheciam, trocavam ideias sobre as novidades no cenário musical, combinavam ensaios e shows. Muitos alunos dessa escola estavam inseridos no movimento musical retratado neste livro, seja nos festivais da canção ou nos grupos aqui em evidência. A formação erudita de alguns músicos permitiu que a música originalmente regional ganhasse um tempero clássico, com acréscimo de novas linguagens e sofisticações como o piano, violoncelo, violino, flauta e arranjos vocais.

Grupos musicais de Montes Claros produziam canções inspiradas nas tradições norte-mineiras e movimentavam a cena cultural do lugar. Simultaneamente, o Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez promovia a arte, contribuindo com a formação de músicos. Em diversos momentos e de maneiras distintas, foi possível perceber a conexão do Conservatório com o *boom* originado pelos grupos musicais *Tryuna*, *Terno de São Benedito*, *Agreste*, *Céu e Terra*, *Aroeira*, além do *Raízes*.

Principiando a explicitação dessas conexões, destaca-se o compositor Tino Gomes, que iniciou sua formação em violão no Conservatório, quando foi aluno da professora Geny Rosa, na década de 1960. Posteriormente, quando Tino era integrante do *Raízes*, esse músico deixou o grupo e veio de São Paulo para Montes Claros, onde, em 1975, ingressou

no Conservatório, a convite da diretora e fundadora desse estabelecimento, para, dessa vez, lecionar a disciplina violão, conforme retratado na Figura 26, a seguir.



Figura 26: Tino Gomes em apresentação com alunos do Celf (década de 1970)

Fonte: Acervo de Tino Gomes.

No Celf, Tino conheceu Valmyr de Oliveira e Tião Andrade, alunos do curso de violão, naquela ocasião, e integrantes do *Grupo Tryuna*, que foram convidados para acompanhar o ex-integrante do *Raízes* em seu trabalho autoral. Nesse momento, o nome *Tryuna* deixa de existir, em favor da nova designação, sugerida por Tino, *Terno de São Benedito*, buscando proximidade com a tradição cultural de Montes Claros, que tem os ternos de congado como uma das principais manifestações.

Destaque também deve ser dado a Elcio Lucas, músico que participou da terceira formação do *Grupo Raízes*. A partir do final da década de 1970, Elcio teve concluída a sua formação de violão no Celf, iniciada na década de 1960 com a professora Geny Rosa, e chegou a lecionar violão neste estabelecimento, temporariamente, em 1987, quando substituiu um dos professores que se encontrava de licença (Acervo do Celf, 2020).

Na Figura 27, a seguir, Elcio Lucas (à direita), como estudante de violão no Celf, apresenta-se tocando guitarra com seu colega e futuro parceiro musical Ewanir Borges, numa formatura dos alunos da professora Geny Rosa, no Colégio Imaculada Conceição.



Figura 27: Elcio Lucas (à direita) e Ewanir Borges (década de 1960)

Fonte: Acervo de Elcio Lucas.

Como se pode notar, o *Grupo Tryuna* e o *Terno de São Benedito* – lembrando que o segundo foi continuidade do primeiro – tiveram, em sua formação, músicos formados pelo Conservatório. Valmyr de Oliveira era aluno de violão clássico e professor de violão popular, e integrou os dois grupos, tocando violão, cavaquinho e viola. Para esse músico, naquele momento de grande movimentação musical, o encontro entre o Conservatório e os grupos musicais foi fundamental para a cultura local e regional (Valmyr de Oliveira, 2020).

Outro nome a ser mencionado é Tião Andrade, que era aluno e professor de violão do Conservatório naquele mesmo período e, assim como Valmyr, integrou o grupo *Tryuna* e o *Terno de São Benedito*. A participação desse músico nos grupos foi tocando baixo elétrico. A partir do relato de Tião Andrade, percebe-se a importância do Celf no encontro e interação dos músicos desses dois grupos:

> Esses grupos que eu participei [o Terno de São Benedito e o Tryuna], todos tinham uma raiz no Conservatório. Em todos os grupos que eu participei estavam Valmyr, Anderson da flauta, o próprio professor Geraldo Paulista; naquela época a gente já fazia os grupinhos de choro também. Então, [...] os demais membros, eram pessoas que tinham passado pelo Conservatório também, tinham estudado lá, Zé Arlen, o irmão dele, André, que chegou a tocar com a gente, Tico Lopes (Tião Andrade, 2020).

As palavras de Tião são corroboradas por Tico Lopes, percussionista do *Tryuna* e do *Terno de São Benedito*, quando diz: "nós tivemos um apoio muito grande dos professores do Conservatório que estavam no grupo, que eram Valmyr, Tião, Rafael Anderson, Joaquim Carlos, esse pessoal tinha uma bagagem musical muito grande [...]" (Tico Lopes, 2020).

O *Grupo Céu e Terra*, que teve como mentores Wagner Durães e Luciano Maciel, participou de festivais, produziu diversos shows no Centro Cultural Hermes de Paula e teve o Conservatório como um parceiro importante. Luciano Maciel (2020) comenta que um dos aspectos por que o grupo primava, nos shows, eram os arranjos. Nesse contexto, músicos e musicistas que estudavam no Celf eram convidados, entre eles Ricardo Tonelli, Maria Emília Tonelli, Maria Helena Tonelli, Berenice Chaves, os quais abrilhantavam o trabalho com suas participações. Para Luciano,

> a participação de músicos do Celf era o tempo todo [...] pois enriquecia o show e a gente buscava muito isso, violino, violoncelo, flauta... Tinha Wanderdaik, que estudava flauta no Conservatório, e o pai era professor lá [Geraldo Paulista], ele trazia as pessoas que ele tinha relacionamento no Conservatório. Então, Wanderdaik teve uma participação muito importante no *Grupo* Céu e Terra (Luciano Maciel, 2020).

Luciano recorda-se de um dos festivais no Colégio São José, por volta de 1975-1976, quando Luiz Cláudio Maciel (seu irmão) e Aristeu de Melo Franco defenderam uma música. Naquela ocasião, a maestrina Júnia Melo Franco (*in memoriam)*, professora do Celf, "trouxe vários músicos do Conservatório, colocou a orquestra no palco, foi uma coisa maravilhosa" (Luciano Maciel, 2020).

Nessa mesma trilha, concluindo, acrescentam-se, ainda, Sérgio Damasceno e Tom Andrade, músicos atuantes do *Grupo Agreste* que, segundo Manoelito (2020), também estudaram no Conservatório naquele período de intensa manifestação musical de que trata este livro.

Para além de professores e alunos do Celf, inseridos ou convidados para shows dos grupos musicais aqui pesquisados, considera-se o importante papel sociocultural dessa escola, promovendo o ensino e, ao mesmo tempo, semeando a música pelos "Montes Claros" e região, contribuindo para a perpetuação da cultura e da arte. A partir da ideia de Merriam (1964 *apud*

Hummes 2004) acerca das funções da música – quando julga que esta desempenha um papel fundamental na sociedade ao permitir a expressão de sentimentos, o entretenimento, a validação de rituais religiosos e de instituições sociais –, nota-se que a música obtém a mesma importância que qualquer outro elemento para a preservação da cultura.

Nessa perspectiva, acredita-se que o Conservatório não apenas fez parte do contexto musical, mas participou, constituindo-o, refletindo nesse lugar a arte que era produzida no seu interior e compartilhada no Município e em seus arredores[31].

[31] Diante da escassez de fontes, não foi possível pesquisar músicos inscritos e selecionados no Festival Universitário da Canção Popular, mas estamos certos de que contavam com a participação de alunos e professores do Conservatório, além daqueles já mencionados nesta obra.

Linha do tempo – o movimento musical em Montes Claros (1839-2023)

Marcos institucionais e raízes culturais

1839	Formação dos primeiros ternos de congado.
1ª metade do século XX:	Primeiros grupos de Folia de Reis.
1961	Fundação do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez, tornando-se o polo formador e ponto de encontro dos músicos.
1967	Criação do *Grupo de Seresta João Chaves*, consolidando a tradição das modinhas e serenatas na cidade.

Década de 1970: surgimento dos grupos e era dos festivais

1973	Formação do *Grupo Raízes*, em São Paulo, com Charlie Boavista e Tino Gomes.
1974	Lançamento do 1º álbum do *Grupo Raízes*, pela gravadora Continental.
1975	Fundação do *Grupo Tryuna*, originado a partir do grupo teatral Luanda.

1976	Lançamento do 2º álbum do *Grupo Raízes* - intitulado *Brejo das Almas*.
1976	Realização da 1ª Edição do Fucap (Festival Universitário da Canção Popular).
1976	Realização do I Fecanm (Festival da Canção do Norte de Minas) da Escola Normal.
1977	Criação do *Grupo Céu e Terra*, no mês de janeiro.
1977	Mudança do *Grupo Raízes* para Minas Gerais, iniciando sua fase mais duradoura, com a presença de Cori Gonzaga e Elcio Lucas.
1978	Criação do *Grupo Agreste* (em 8 de janeiro), inspirado no Fucap e apadrinhado por Téo Azevedo.
1978	Formação do *Terno de São Benedito*. Tino Gomes convida músicos do Tryuna para acompanhá-lo.
1978	Fundação do *Grupo Aroeira*, liderado por Josecé Santos.
1979	Inauguração do Centro Cultural Hermes de Paula (CCHP), com o show *Trem do sertão*, do *Grupo Céu e Terra*, estreando no palco.
1979	Lançamento do compacto *Menino do Interior* pelo *Grupo Raízes.*

Década de 1980: consolidação e dispersão de grupos musicais

1980	Instalação da TV Montes Claros, espaço para a divulgação da música local.
1980	Lançamento de álbuns marcantes: *Olhe bem as montanhas (Raízes), Saudação* (Tino Gomes e *Terno de São Benedito*) e o primeiro LP do Grupo Agreste.
1981	5ª Edição do Fucap, com a canção vencedora: *Leve-me* (Eduardo Maciel/*Grupo Céu e Terra*).
1982	Lançamento do álbum *Chegança* (*Grupo Agreste*) e do álbum compacto do *Grupo Raízes*.
1981-1983	Encerramento das atividades da maioria dos grupos (*Céu e Terra*, em 1981-1982; *Agreste, Terno de São Benedito e Aroeira*, em 1982; *Raízes*, em 1983), coincidindo com mudanças na indústria fonográfica nacional.

Marcos posteriores e resgate histórico

1988	6ª Edição do Fucap, após hiato de quase dez anos.
1999	Lançamento do CD *Agreste 20 anos depois.*
2006	Realização da 7ª e última edição do Fucap.
2021-2023	Projetos de resgate, como o EP de Eduardo Maciel e Luciano Maciel (*Grupo Céu e Terra*) e o vídeo *O Gaiola* (*Grupo Aroeira*).

04 CODA

"tantos nomes escrevem sua história, nas voltas
do tempo são tantas memórias"[32]

Montes Claros é uma cidade norte-mineira que traz, em sua raiz, a presença marcante de manifestações culturais, desde os grupos de catopês, marujos e caboclinhos, os ternos de folia de reis e os grupos de seresta e, nessa esteira, embarcaram diversos movimentos artísticos.

De 1973 a 1983, foi percebido, no Município, um cenário de muita produção musical por parte de jovens artistas que se conectaram, principalmente por meio dos festivais da canção, em escolas, e, posteriormente, em espaços mais amplos como estádio de futebol. Desse encontro, vem a motivação de criar grupos musicais, de produzir canções e realizar shows. Nesse contexto, despontam os grupos: *Raízes*, *Tryuna*, *Terno de São Benedito*, *Céu e Terra*, *Agreste* e *Aroeira*.

[32] Trecho referente a canção Coração do Sertão Mineiro (Jukita Queiroz), composta em 2016.

Rever a trajetória desses grupos é um ato de afirmação do nosso sentimento de pertencimento. Visitando cada grupo, rega-se a raiz do sertão mineiro e mantém-se viva a riqueza patrimonial imaterial do Município. Essas obras que ecoam nos ares do sertão mineiro provam que nossa identidade não habita apenas os monumentos, mas as histórias e sentimentos eternizados nas canções.

Inspirados, principalmente, na Banda de pau e corda e no Quinteto violado, os grupos do Norte de Minas trazem, em suas canções, traços do sertão mineiro: os hábitos e costumes, os lugares que inspiram a criação, as manifestações culturais e os sujeitos que despontaram pelo embate contra a exploração.

Muitas das canções criadas nos dez anos de efervescência musical em Montes Claros (1973-1983) permanecem na memória afetiva dos norte-mineiros e se perpetuam nas vozes de músicos que continuam entoando essas produções, além das mídias tradicionais e digitais, lugares onde estão sempre presentes.

Ressalta-se, ainda, a importância do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez dentro do contexto musical tratado aqui. Percebe-se a vivência de alguns membros dos grupos com o ensino de violão do Celf, seja como alunos que se tornaram professores, como Tino Gomes, Valmyr de Oliveira, Tião Andrade e Elcio Lucas, ou especificamente como alunos, como Zé Arlen e seu irmão André Azevedo. Somam-se a esses os músicos que eram professores ou alunos de outros instrumentos no Conservatório, mas que também tiveram participação ativa em diversos grupos, como Ricardo Tonelli, Maria Emília Tonelli, Maria Helena Tonelli, Berenice Chaves, Rafael Anderson, Tico Lopes, Joaquim Carlos, Wanderdayk, Sérgio Damasceno e Tom Andrade.

Além disso, o contexto constituído, ao se considerar o Conservatório como peça fundamental na construção do cenário que favoreceu os festivais, contou com a presença de músicos que tinham um vínculo com a escola, além do corpo de jurados, composto, também, por profissionais que compunham o quadro de pessoal desse estabelecimento.

Acredita-se na importância desse registro de outrora, por retratar nossa própria essência; mais do que um recorte histórico, essa obra resgata a efervescência musical que ecoou no "coração do sertão mineiro" e em seus arredores, transformando vivências em patrimônio imaterial. Ao dar voz às trajetórias dos grupos *Raízes, Tryuna, Céu e Terra, Terno de São Benedito, Agreste e Aroeira*, reafirma-se a identidade norte-mineira que, a partir do congado, da modinha, da folia de reis, constituiu um canto novo, que foi a trilha sonora de uma época e que ecoa na memória afetiva das futuras gerações.

Para concluir, afirma-se que o fragmento trazido por meio deste livro é apenas uma mostra desse imenso Norte de Minas musical. Em se tratando da história dos grupos supracitados, ainda existem lacunas a serem preenchidas acerca desse tema. Percorrendo nessa trilha, percebe-se um vasto campo a ser explorado, referente a outros grupos e a artistas que optaram por um trabalho solo. Montes Claros é mais que uma cidade, é uma imensa região onde "tantos nomes escrevem sua história, [e] nas voltas do tempo são muitas memórias". Nesse lugar, "o novo e o velho se mesclam no espaço" e em cada esquina, sempre há de haver "um menino parado [...] olhando o terno que vem chegando" (Jukita Queiroz[33]).

[33] Trecho referente a canção Coração do Sertão Mineiro (Jukita Queiroz), composta em 2016.

Referências

ARRUDA, Jerusia. *Depois de 16 anos, FUCAP tenta voltar*. Jornal O Norte de Minas, Montes Claros. 2006. Disponível em: http://cms.hojeemdia.com.br:8080/onorte/educa%C3%A7%C3%A3o/depois-de-16-anos-fucap-tenta-voltar-1.528990. Acesso em: 11 nov. 2021.

BRASIL, Eduardo. *Origens do Grupo Raízes.* Jornal O Norte, 2017. Disponível em: https://onorte.net/cultura/origens-do-grupo-ra%C3%ADzes-1.469914. Acesso em: 5 jan. 2022.

BARROS, José D`Assunção. *O Campo da História:* especialidades e abordagens. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CARVALHO, Tiago de Quadros Maia. *Lord of Hell:* a prática musical da Banda Vomer na cena do rock/metal em Montes. 2011. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

COSTA, João Batista de Almeida. *Norte de Minas:* cultura catrumana, suas gentes, razão liminar. Montes Claros: Editora Unimontes, 2021.

DURÃES, Mary Aparecida de Alencar. *"De trem pra Montes Claros":* representações do sertão norte-mineiro nas canções do grupo raízes (1973-1983). 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, 2010.

FLÉCHET, Anaïs. Por uma história transnacional dos festivais de música popular. Música, contracultura e transferências culturais nas décadas de 1960 e 1970. Patrimônio e Memória. *UNESP – FCLAs – CEDAP*, v.7, n.1, p. 257-271, jun. 2011. Disponível em: https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/205. Acesso em: 12 nov. 2021.

HUMMES, Júlia Maria. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 11, p. 17-25, set. 2004. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed11/revista11_artigo2.pdf. Acesso em: 19 jan. 2022.

MELLO, Zuza Homem de. *A era dos festivais:* uma parábola. Editora 34. Disponibilizado pela Le Livros. 2003. Disponível em: https://lelivros.love/book/baixar-livro-a-era-dos-festivais-zuza-homem-de-mello-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/. Acesso em: 17 nov. 2021.

MONTEIRO, José Fernando Saroba. *História global e festivais da canção:* Brasil e Portugal. XXVIII Simpósio Nacional de História - Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis: 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433724439_ARQUIVO_HISTORIAGLOBALEFESTIVAISDACANCAO. Acesso em: 17 nov. 2021.

OLIVEIRA, Maria Clara Leite e. *Um pontinho preto no mapa:* uma análise do regionalismo montes-clarense na trajetória dos grupos Agreste e Raízes nos anos 1970 e 1980. 2021. 101 f. Monografia (Licenciatura em Artes-Música) Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2021.

PEREIRA, Anete Marília. *Cidade média e região:* o significado de Montes Claros no Norte de Minas. 2007. 351 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15921. Acesso em: 10 out. 2021.

REVISTA TEMPO. *Edição Especial*: 150 anos de Montes Claros. Ano V, n° 29. Montes Claros-MG, 2007.

UNIMONTES. *A Unimontes completa 58 anos de desenvolvimento do ensino superior,* 2020. Disponível em: https://unimontes.br/unimontes-completa-58-anos-de-desenvolvimento-do-ensino-superior/. Acesso em: 3 fev. 2022.

VELOSO, Geisa Magela. *A missão desanalfabetizadora do jornal Gazeta do Norte, em Montes Claros (1918-1938).* 2008. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-855S56. Acesso em: 21 dez. 2021.

VENTURA, Leonardo Carneiro. *Música nos espaços:* paisagem sonora do Nordeste no movimento armorial. Dissertação (Mestrado em História). 2007. 200 f. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16995. Acesso em: 29 jan. 2022.

Fontes

ACERVO Recursos Humanos Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez (Celf). *Imagem do Grupo Tryuna com Tino Gomes.* Década de 1970.

DIAS, Zé. *Imagem capa do álbum Menino do Interior – Grupo Raízes*, 1979.

DIAS, Zé. *Imagem dos músicos participantes do 3° álbum do Grupo Raízes*,1980.

DIAS, Zé. *Imagem dos integrantes do Raízes ensaiando*, 1980.

DURÃES, Simone. *Imagem do ensaio do Grupo Céu e Terra.* Final da década de 1970.

GOMES, Tino. *Imagem premiação de Tino Gomes no Fucap*. Década de 1970.

GOMES, Tino. *Imagem Grupo Raízes com Elza Soares*, 1973.

GOMES, Tino. *Imagem primeira formação do Grupo Raízes*, 1974.

GOMES, Tino. *Imagem do show do Grupo Terno de São Benedito em Sete Lagoas-MG*, 1908.

LUCAS, Élcio. *Imagem Élcio Lucas e Ewanir Borges tocando em formatura*. Década de 1960.

MACIEL, Luciano. *Imagem do show do Grupo Céu e Terra no Centro Cultural Hermes de Paula*, 1981.

MACIEL, Luciano. *Imagem Wagner Durães no piano*, 1981.

MAFFESOLI, Michel (Entrevista).*O imaginário é uma realidade*.Revista Famecos, quadrimestral. Porto Alegre, nº 15, agosto 2001.

PINTEREST. *Imagem cartaz Festival de Águas Claras*, 1975. Disponível em: https://fr.pinterest.com/pin/507992032970070746/. Acesso em: 22 maio 2026.

PORTAL MONTES CLAROS – Prefeitura Municipal de Montes Claros. Disponível em: https://portal.montesclaros.mg.gov.br/noticia/ha-40-anos-o-centro-cultural-hermes-de-paula-enaltece-a-cultura-de-montes-claros. Acesso em: 17 jan. 2022.

QUEIROZ, Jukita. *Imagem capa do álbum Brejo das Almas do Grupo Raízes*, 1976.

QUEIROZ, Jukita. *Imagem capa do álbum Olhe Bem as Montanhas – Grupo Raízes*, 1980.

QUEIROZ, Jukita. *Imagem capa do álbum Saudação – Tino Gomes*, 1980.

QUEIROZ, Jukita. *Imagem capa do álbum do 5° álbum do Grupo Raízes – intitulado Grupo Raízes*, 1982.

QUEIROZ, Jukita. Trecho da música *Coração do sertão mineiro - Jukita Queiroz*, 2016.

RAÍZES SERTANEJAS - a construção de Montes Claros na ótica dos migrantes. Giorgino de Souza Júnior. 2013. Vídeo (10min e 19s). Postado por: Vinícius Ahnert, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lG7FL_IQXf8&t=118s Acesso em: 13 jan. 2021.

SANTOS, Josecé. *Imagem do ensaio do Grupo Aroeira.* Década de 1980

MACIEL, Eduardo. *Imagem capa EP Eduardo Maciel e Luciano Maciel.* 2023.

XAVIER, Manoelito. *Imagem capa do 1° álbum do Grupo Agreste – intitulado Grupo Agreste*, 1980.

XAVIER, Monoelito. *Imagem capa 2° álbum do Grupo Agreste – Chegança*, 1982

Fontes (álbum fonográfico)

GRUPO AGRESTE. *2° álbum:* Chegança. São Paulo – SP: Estúdio Mosh, set. 1982 (Gravação).

Fontes orais (entrevistas)

OLIVEIRA, Élcio Lucas de. (Élcio Lucas). [Entrevista cedida a] José do Nascimento Queiroz Júnior. Montes Claros – MG, 16 dez. 2020.

LOPES, Francisco. (Tico Lopes). [Entrevista cedida a] José do Nascimento Queiroz Júnior. Montes Claros – MG, 12 dez. 2020

COSTA, João Batista de Almeida. (Joba). [Entrevista cedida a] José do Nascimento Queiroz Júnior. Montes Claros – MG, 05 dez. 2020.

SANTOS, Josecé Alves dos. (Josecé Santos). [Entrevista cedida a] José do Nascimento Queiroz Júnior, Montes Claros – MG, 29 nov. 2020.

SOUTO, José Manoel Xavier. (Manoelito). [Entrevista cedida a] José do Nascimento Queiroz Júnior. Montes Claros – MG, 04 dez. 2020.

OLIVEIRA, Juventino Diário de. (Tino Gomes). [Entrevista cedida a] José do Nascimento Queiroz Júnior, Montes Claros – MG, 09 dez. 2020, (Webconferência via *google meet).*

MACIEL, Luciano. [Entrevista cedida a] José do Nascimento Queiroz Júnior, Montes Claros – MG, 09 dez. 2020, (Webconferência via G*oogle Meet).*

MACIEL, Eduardo. [Entrevista cedida a] José do Nascimento Queiroz Júnior, Montes Claros – MG, 29 abr. 2026. (Whatsapp).

REIS, Pedro Raimundo. (Pedro Boi). [Entrevista cedida a] José do Nascimento Queiroz Júnior, 1° de maio de 2026, na residência de Pedro Boi.

RUAS, Sebastião Afonso de Andrade. (Tião Andrade). [Entrevista cedida a] José do Nascimento Queiroz Júnior. Montes Claros – MG, 19 de dezembro de 2020. (Webconferência via G*oogle Meet).*

MOURÃO, Sérgio. [Entrevista cedida a] José do Nascimento Queiroz Júnior. Montes Claros – MG, 15 nov. 2021. (WhatsApp).

OLIVEIRA, Valmir Antônio de. (Valmyr de Oliveira). [Entrevista cedida a] José do Nascimento Queiroz Júnior. Montes Claros – MG, 09 dez. 2020, (Webconferência via

G*oogle Meet).*

Sobre o autor



José do Nascimento Queiroz Júnior (Jukita Queiroz)

Músico, violonista, compositor e professor. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e Bacharel em Música/Violão pelo Conservatório Brasileiro de Música (CBM) – RJ. Atualmente, trabalha como professor da Educação Básica no Curso Técnico/Violão do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez e no, bem como Ensino Superior, no Departamento de Artes – Música/Violão da Unimontes. Além da educação musical, atua em shows, divulgando seu trabalho autoral.

O texto discorre sobre o movimento musical em Montes Claros-MG, durante as décadas de 1970 e 1980, período marcado por intensa efervescência cultural e pelos festivais da canção. O livro registra a trajetória de grupos que incrementaram a cena na cidade e região, como *Raízes*, *Agreste*, *Céu e Terra*, *Tryuna*, *Terno de São Benedito* e *Aroeira*. Esses grupos fundiram influências regionais e nacionais, para narrar a identidade do sertão mineiro. As canções transcendem a estética, a fim de se tornarem um patrimônio imaterial, fundamentado na memória afetiva da região norte-mineira. Além disso, evidencia-se o papel do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez como centro de formação e conexão entre os artistas da época. Por fim, o material preserva um fragmento essencial da história cultural mineira, imortalizando canções e personagens do cenário artístico de Montes Claros.

EDITORA
Unimontes